



PARA TODO

ANNO XII
NUM. 586
8 MARCO
1930
PRECO
1/2



A SÊDE NO VERÃO

Muitas criancinhas padecem sede no verão por ignorancia das mães. Algumas chegam a ter "febre de sede", que só desaparece com alguns goles de agua. Também os adultos devem beber, pelo menos, um litro por dia, para manter o sangue no seu estado normal e a urina não se tornar muito concentrada.

Algumas semanas durante o anno é de grande vantagem tomar uma ou mais limonadas feitas com o Helmitol da Casa Bayer, para auxiliar a desintoxicação geral do organismo e para a desinfecção das vias urinarias. O Helmitol dá-se, também, com grande vantagem, às crianças, cuja urina mancha as fraldas.



HELMITOL

Lavar as fructas antes de descascar-as

Nas citrucas e pomares o sólo é quasi sempre polluido por defectos lançados á sua superficie. Ao colher as fructas são ellas deixadas ao chão, antes de serem transportadas. Na casca das fructas encontram-se, pois, germens e, sobretudo, ovulos de parasitas intestinaes. São frequentes os casos de verminose em pessoas asseeladas e que vivem nas cidades, devido ao facto de não terem ellas o cuidado de lavar as fructas antes de descascar-as. Os ovulos dos parasitas passam da casca ás mãos e destas á bocca. Convém, pois, lavar as fructas. Para desinfectar as mãos, nada melhor que o afamado Sabão Bayer de Afridol, que é excellente, também, para conservar e amaciar as pelles fracas.

Cuidado com o sol, senhores desportistas!

Estamos em pleno verão. Os raios solares, de que tanto precisamos, entram-nos por todos os póros. Viva o sol! Convém, entretanto, não abusar, sujeltando-se nessa época a banhos solares exageradamente prolongados, sobretudo as crianças, ás quaes são muito prejudiciaes. O sol é um remed'io que devemos usar, mas de que não devemos abusar. O verão é uma optima occasião para calcificar o organismo. Os med'cos aconselham aos adultos e ás crianças fazer nessa época provisão desse elemento indispensavel ao organismo. O melhor medicamento para esse fim é a Cand'olina da Casa Bayer, que até as crianças tomam com prazer. Senhores desportistas, não se deixem "descascar" ao sol das praias, tomem Candiolina e verão como lhes augmenta a capacidade physica.

GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS

"O MALHO" — que é uma das mais antigas revistas nacionaes — considerando o enorme successo que vem despertando entre os novos contistas brasileiros e o publico em geral, a literatura ligeira, de ficção ou realidade, cheia de interesse e emoção, resolveu abrir em suas paginas um GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS, só podendo a elle concorrerem contistas nacionaes e recompensando com premios em dinheiro os melhores trabalhos classificados.

Os originaes para este certamen, que poderão ser de qualquer dos generos — tragico, humoristico, dramatico ou sentimental — deverão preencher uma condição essencial: serem absolutamente inéditos e originaes do autor.

Assim procedendo, "O MALHO" tem a certeza de poder ainda mais concorrer para a diffusão dos trabalhos literarios de todos os escriptores da nova geração, como ainda incentivar os a maiores expressões para o futuro, offerecendo aos leitores, com a publicação desses contos, em suas paginas, o melhor passa-tempo nas horas de lazer.

CONDIÇÕES

O presente concurso se regerá nas seguintes condições:

1ª — Poderão concorrer ao Grande Concurso de Contos Brasileiros de "O MALHO" todos e quaesquer trabalhos literarios de qualquer estylo ou qualquer escola.

2ª — Nenhum trabalho deverá conter mais de 10 tiras de papel almasso dactylographadas.

3ª — Serão julgados unicamente os trabalhos escriptos num só lado de papel e em letra legivel ou á machina em dois espaços.

4ª — Só poderão concorrer a este certamen contistas brasileiros, e os enredos, de preferencia, versarem sobre factos e coisas nacionaes, podendo, no emtanto, de passagem, citar-se factos estrangeiros.

5ª — Serão excluidos e inutilizados todos e quaesquer trabalhos que contenham em seu texto offensa á moral ou a qualquer pessoa do nosso meio politico ou social.

6ª — Todos os originaes deverão vir assignados com pseudonymo, acompanhados de outro envelope fechado com a identidade do autor, tendo este segundo, escripto por fóra, o titulo do trabalho.

7ª — Todos os originaes literarios concorrentes a este concurso, premíados ou não, serão de exclusiva propriedade desta empresa, para a publicação em primeira mão, durante o prazo de dois annos.

8ª — É ponto essencial deste concurso, que os trabalhos sejam inéditos e originaes do autor.

PREMIOS

Serão distribuidos os seguintes premios aos trabalhos classificados:

1º logar	Rs. 300\$000
2º logar	Rs. 200\$000
3º logar	Rs. 100\$000
4º, 5º e 6º collocados, cada..	Rs. 50\$000

Do 7º ao 15º collocados (Menção Honrosa) — Uma assignatura semestral de qualquer das publicações: "O Malho", "Para todos...", "Cinearte" ou "Tico-Tico".

Serão ainda publicados todos os outros trabalhos que a redacção julgar merecedores.

ENCERRAMENTO

O presente GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS será encerrado no dia 28 de Junho de 1930, para todo o Brasil, recebendo-se, no emtanto, até 3 dias depois dessa data, todos os originaes vindos do interior do paiz, pelo correio.

JULGAMENTO

Após o encerramento deste certamen, será nomeada uma imparcial comissão de intellectuaes, criticos e escriptores para o julgamento dos trabalhos recebidos, commissão essa que annunciamos antecipadamente.

IMPORTANTE

Toda a correspondencia e originaes referentes a este concurso deverão vir com o seguinte endereço:

Para o "GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS" — Redacção de "O MALHO" — Travessa do Ouvidor, 21 — Rio de Janeiro.

Os historiadores mostram-se muito indulgentes para com La Fayette. Facilmente esquecem que esse político pusillanime desencadeou tempestade que não soube dominar.

A esse estrategista faltava o golpe de vista; foi um general sem previsão, sem decisão.

Depois de haver sublevado as massas populares, e as conduziu temerariamente, foi obrigado quando corriam para o crime seguras, embolia contra a vontade, para logo abandonar-as covardemente.

Durante muito tempo preferiram lembrar da honestidade de sua vida privada, do ardente entusiasmo que o levou a America, a essa guerra de "patriotismo", onde se "dedicavam os maiores interesses do universo", e onde "esse illustre cidadão aos dois mundos" trouxe, e conservou para o resto da vida, o culto da liberdade.

Porém, desprezar o julgamento dos contemporâneos, e correr o risco de cair na lenda e no erro, esses dois grandes inimigos da historia, e, se despojar a mentira, e enriquecer a verdade, vamos-nos, pois, para as testemunhas as mais authenticas do seu tempo.

O joven general occultava, sob fra apparencia, uma imaginação ardente.

Era um revolucionario de "Salão vermelho", que dissimulava suas novas ideias sob as maneiras timidas de marquez. Era ambicioso e alto, gostava de estar sempre em primeiro lugar, e de chamar attenção sobre si.

Quando elle voltou da America, o duque de Choiseul, depois de receber-o em Chanteloup, declarou:

— "Esse grande homem não é mais que um grande Gules!"

A corte não foi mais indulgente, e as numerosas provas que recebeu do rei, não apagaram as offensas feitas a sua vaidade.

Por essa occasião já despertava em La Fayette essa rjeza desastrada, que mais tarde levou-o a dizer ao rei:

— Se fosse preciso escolher entre o povo e o rei, sabeis muito bem, Sire, que eu seria contra o rei!

Não menos rudemente teria dito a Maria Antonietta:

— "Tudo aquillo que chamam direitos da familia ao throno, não existe para mim!"

Suas maneiras conservaram-se fidalgas, porém, suas palavras eram de tal modo asperas, que justificam essa ex-cusação da rainha:

— "O Sr. de La Fayette é bondoso para com todos, excepto para com os reis."

Riravol dizia que, se elle recusava inclinar-se diante da corte, era para melhor humilhar-se na rua.

De facto, em 1759 La Fayette trata de cultivar a sua popularidade. Não é indulgente e delicado só para com a plebe, adula também todos os inferiores, e muitas vezes, em sua casa, conduzia até o patamar da escada, os guardas cobertos de farrapos e de lama.

Chega finalmente a sua hora de gloria, seu verdadeiro reino: a criação dessa Guarda Nacional, onde todos querendo um posto, não teriam mais soldados.

General de farda, num exercito de buria, multiplica as paradas, as ben-

Para todos...

propriedade

da Sociedade Anonyma "O Malho". Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director-gerente Antonio A. de Souza e Silva.

Assignaturas: Brasil - 1 anno, 48\$000; 6 mezes, 25\$000. Estrangeiro - 1 anno, 85\$000; 6 mezes, 45\$000. As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. "Para todos..." apparece aos sabbados e publica, todos os annos, pelo Natal, uma edição extraordinaria.

La Fayette julgado por seus contemporaneos

ções das bandeiras, as reuniões, os bailes, as festas e os banquetes militares.

Seu filho, com a idade de 10 annos, era segundo tenente no districto da Sorbonne.

Applaudiam La Fayette na rua, e na Opera, em todo o lugar o festejavam. Em sua honra queimam fogos de artificio na igreja de Notre Dame.

Era o "Bloudinett" dos parisienses, e o caro general dos "Bluets".

E' o tempo feliz, onde montado em seu cavallo branco, tinha o ar de "galopar nos seculos futuros!"

Bem depressa, porém, a sorte muda. Agora todos o ridicularizam. Os realistas riem-se do seu "patrouillottisme", e chamam a sua bonhomia conciliadora de "unguento nacional".

As caricaturas representava-no empoleirado sobre um bastão de marechal, procurando prender a lua com os dentes. Com o seu nome fizeram um anagramma: "Deltefatale".

Uma embaixatriz disse com ironia:

— "A reputação do grande general assemelha-se a uma vela que só brilha para o povo, e que exala máo cheiro quando se apaga."

A duquesa de Biron, recebe no theatro cascas de maçãs, apressa-se em en-vial-as a La Fayette e escreve-lhe: — "Eis ahi os primeiros frutos da revolução que me chegam ás mãos!"

Por sua vez, a guarda avançada não está contente, acha que Motier é um "revolucionario á agua de rosas".

Essa rapida popularidade declina de cinco para seis de Outubro.

Em vez de acalmar o motim, La Fayette acompanha-o. Chega a Versaillies atraz do povo, e, as cinco horas da manhã, contrar o a previsão do ultimo caso, encarregado de levantar o posto, La Fayette acreditando estar tudo apaziguado, atira-se sobre o teto e dorme. Ao despoitar de dia elle deveria estar em todo lugar, entretanto, não era encontrado em parte alguma.

Como infeliz, sinão culpavel. Ideias de Girouard de jogar o rei em pieno perigo, para depois o salvar. Nesse meio tempo, no restaurant "l'au-de-veau", apparece o appellido de: "Cromwell", general "la Pique, Gile-Cesar", e commandante da canailha parisiense.

Em Paris dão-lhe outros appellidos: o "somnoiento de Versaillies", o "General das Dormide-ras", o "General morpheu", o "General Arco-iris", porque se brilha apos a tempestade.

O nobre Dehne escreve: — que o marquez "vejava pelos bandidos e dormia para o seu rei!"

Os mais indulgentes diziam: — "E' preciso não se queixar de La Fayette, pois nesses dias as mulheres mandam nos soldados, os soldados nos officiaes, e todo o mundo no general!"

A fugida de Varennes acaba de perder-o na opinião publica.

Na vespera da evasão, elle affirma a bailly que as Tuilleries estão tão guardadas "que nem um camoufongo poderia sair".

No dia seguinte, quando nos "Jacobinos", Danton accusa-o violentamente, elle desculpa-se com indifferença:

— "De que se queixam? E. a extincção da lista civil: cada cidadão ganha vinte "sous" de renda!"

Depois do dia 10 de Agosto La Fayette foi considerado traidor da Patria. Queimam o seu retrato no Palais Royal. Em todo o lugar representam-no dependurado numa forca: um aristocrata puxa-o por um pé, e um democrata pelo outro.

O general lembra-se então da predição do velho Frederico II, de quem foi hospede durante oito dias, em 1785. Decipio, coberto de "sabac d'Espagne", a cabeça voltada para seu lado, os dedos deformados pela gotta, porém, conservando esse olhar claro e penetrante que ha no futuro, o velho soberano contou-lhe sobre forma de apotogo:

— "Conheci um joven que, depois de visitar todos os paizes onde reinava a liberdade e a legalidade, lembrou-se de instabelecer tudo isso na sua patria. — Sabeis o que lhe aconteceu?"

— Não, Sire!

— Foi enforcado!"

La Fayette é, em summa, o typo desses legisladores retoquistas que fazem primeiro as leis e querem depois formar uma humanidade para essas leis.

O general conservou-se até o fim da vida partidario dos Direitos do homem. Tudo o mais lhe parecia "um accente deploravel".

La Fayette, sem regra fixa de conducta, enganado pelos outros e por si mesmo, foi um politico dos mais equivocados. Combatia a realoza e logo lhe offerecia os seus serviços. Demolia o throno em vespera de o restabelecer.

Democrata na monarchia, monarchista na democracia, procurava sem descanso um accordo da sua cara liberdade com todos os regimens, passava a vida impedindo a realza de matar a Republica, e a Republica de acabar com a realza.

Repetia sempre: — "Quero uma monarchia popular!" e calava-se quando lhe perguntavam: — "E por que não uma democracia real?"

Henri Heine compara-o, muito acertadamente, a um conselheiro do povo, governador indigente e ingenuo, que soa pretexto de vigiar e proteger o seu pupillo, acompanhava-o aos piores logares, e, incapaz de reprimir os seus escandalos, auxilia-o em perigosas aventuras".

— "No apogeu de sua popularidade, — allega Mme. Recamier, em forma de desculpa, nunca pediu uma cadeira."

E Beranger responde sorrindo:

— "E ele bem precisava de uma."

Laffitte disse tambem de La Fayette:

— "E' um monumento que passeia á procura de um pedestal."

— "E' um tolo, affirma Napoleão, um tolo sem talento, nem civil nem militar. Espirito acanhado, caracter dissimulado, dominado por idéas vagas de liberdade, mal dirigidas, e mal concebidas."

Se La Fayette nunca commetteu atrocidades foi, entretanto, espectador indolente.

Em circumstancias que exigiam energia e severidade, não teve mais que prudencia e sangue frio. Não foi notavel nem no bem, nem no mal e, é sobretudo a essa attitudé mal definida que viveu através de tantas revoluções sua isenção de glórias.

Sua probidade perfeita susteve sempre as calumnias provocadas pelo odio.

Elle não mereceu nem um altar, nem o cadafalso.

Não teve na sua politica nem os meios, nem a superioridade de um primeiro papel.

Pensou representar o Washington francez, porém, não escreveu mais que o emprego subalterno desse creado de tragedia, que só apparecia no fim da peça, para levar o cadaver.

Outro julgamento sobre La Fayette.

Entre os julgamentos recentes sobre La Fayette, ha um que sobressae dentre todos, fulminante e definitivo, de suas "Cartas de prisão, e cartas de exilio".

La Fayette, muito joven ainda, já não sabia dominar-se, e entregava-se sem constrangimento aos impulsos de sua sensibilidade.

Embora não lvesse se descuidado de sua cultura intellectual, ella, entretanto, era restricta, e resentia-se da educação paterna.

Aos quatorze annos entrou para uma companhia de mosqueteiros do rei. Aos dezesseis era segundo tenente no regimento de Noailles; sete mezes depois casava-se, um mez mais tarde era nomeado capitão de dragões.

Aos dezenove, pela primeira vez, passou dois annos na America, voltou pela segunda vez com vinte e dois, e aos vinte e sete partiu para a Alemanha.

Em uma tal mocidade, pouco lugar havia para a leitura e a meditação.

Para todos...

Toda a correspondência, como toda a remessa de dinheiro (que pôde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma "O Malho", Travessa do Ouvidor, 21, Rio de Janeiro. Endereço telegraphico O Malho-Rio. Telephone: Gerencia: 2-0518. Escriptorio: 2-1037. Redacção: 2-1017. Officinas: 8-6247. Succursal em S. Paulo dirigida pelo Sr. Plinio Cavalcanti, rua Senador Feijó, 27, 8º andar, salas 85 e 87.

Charles Foley

Os grandes acontecimentos, e os personagens extraordinarios, que observaram La Fayette, não lhe reconhecem nenhuma experiencia; nelle a vida do coração sobeja, e não lhe dá tempo para ler "no grande livro do mundo".

Mesmo perto de Washington ficava distraído, sem suspeitar sequer das intimas angustias, e das lutas de consciencia do homem, nem são pouco dos pesados trabalhos do politico. Não aproveita absolutamente desse soberbo exemplo de perspicacia e de energia moral.

O joven marquez mal preparado pelos seus preconceitos, e por uma situação excepcional, preocupava-se mais em satisfazer a sua grande paixão de celebridade, que de encontrar uma occasião para manifestar a sua opinião.

Não tendo uma superficial concepção da Revolução Americana, La Fayette volta da America ainda menos preparado para a revolução franceza.

Primeiro, confunde summariamente as causas desses dois grandes movimentos, quasi simultaneas, mas fundamentalmente oppostos, e não se detém, nem mesmo nas condições quasi contrarias nas quaes elles foram concebidos.

"O grande interesse americano, depois da fundação das primeiras colonias, era menor em estabelecer um estado de justiça para a "pessoa hu-

mana", em pleno desenvolvimento de sua dignidade, que de constituir uma vigorosa associação, para a exploração de uma terra rica e virgem. Os colonos fizeram a guerra da independencia, para conservar os beneficios dessa exploração.

Na sua espontanea simplicidade La Fayette nunca disso percebe.

Tornando-se o heroe da burguezia, fez-se o provocador do sentimento contra o antigo regimen.

Gosando da sua popularidade, até a loucura, so pensa em multiplicar as manifestações.

A revolução torna-se uma coisa sua, e entende que ninguém deve agir de uma maneira differente da sua, que é exclusiva, e bem depressa será militante. Admira-se que o seu descontentamento não seja sufficiente para reprimir o curso violento dos acontecimentos.

Acredita, que só a sua presença basta para terrificar a Assembléa. Pensa, que todo o exercito accorrerá ao seu primeiro chamado, nem por um instante duvida, que possa dominar a Revolução e detê-la no ponto onde pára a sua propria concepção politica.

Sabe-se onde o conduziu essa idéa loucamente exaggerada de sua influencia, pois bem depressa foi reduzido a contemplar o mal sem poder remediar.

Esse povo que despreza e que acreditava facilmente, despojar, excitado não deixa mais a sua presa.

A concepção do general accresce de mais difficuldades. Não ha mais enthusiasmo. Aueus giorni: A discordia continua-se com o arcabuz, e sao contestações para conservar a superioridade, intrigas mesquinhas por fim contra os ministros, rivalidades eleitoraes, insolencias e desafios a democracia, depois a tentação de empregar a força de que dispõe em represalias sangrentas.

Uma serie de erros cada qual mais grave, leva-o ao papel de conspirador e ambicioso exaltado.

Finalmente numa crise de depressão moral, La Fayette perturba-se, e perdesse.

Acabrunhado com a sua impotencia, compenetrado do horror de sua situação, nunca mais pensa.

Seguem-se annos de prisão.

A restauração, segundo a Charte, reaviva sua illusao; e de novo o seu ideal recua.

Só em 1830, após trinta e oito annos de "immobildade e silencio", é que seu sonho encontra um vislumbre de realização...

La Fayette nunca foi um verdadeiro chefe de partido, foi apenas um amocoso convencido, arrastado ás suas maiores revoluções dos tempos modernos, por seu desejo de glórias.

Primeiro, favorecido por uma incrível serie de felicidades, elle desanima ás primeiras provações, recua diante dos obstaculos, e voluntariamente, bruscamente, em plena mocidade, retira-se e desaparece.

Sem dominio de si mesmo, de vontade fraca, pobre de idéas, após ter sido o promotor de grandes movimentos revolucionarios, não soube nem dirigir os nem reprimi-los.

GESSEY

SABONETE PURO E CHEIROSO

Graphologia

AVISO

Temos inutilizado inúmeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal, e outras finalmente, a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente, assignados em papel liso. O pseudonymo só é permitido para a resposta.

DOLORES DEL RIO (?) — Sua graphia denota inconstancia, volubillidade, dissimulação, calculo, desconfiança. E' tambem reservada, sem deixar de ser bondosa, embora tenha espirito critico, pilherico e um tanto vingativo.

Sentimental, deixa-se commover facilmente, apesar de fingir ser um espirito forte e corajoso.

MYRIAN (Recife) — Pela sua letra, vejo que é bastante intelligente, com decidido pendor para a literatura, decifração de enigmas e todos os problemas que demandem argucia e raciocínio. E' caprichosa, alegre, energica, voluntariosa mesmo. Sou capaz de apostar que é morena de olhos grandes e negros como o cabelo e de pequena estatura, como geralmente o são as teimosas, pequenas que têm até um pequeno buço ou bigodinho. Será? Escreva, Myrian, dizendo si você não é mesmo assim ou eu me enganei, sendo Myrian alta, loura, franzina, melancolica...

KID (Rio) — Letra rapida, sobria, ligada, pequena, revelando tudo isto cultura, actividade, entusiasmo, sem perder o senso da medida, o equilibrio, a prudencia, a reflexão, que o fazem ser economico, um tanto reservado, meticoloso, com bastante logica, sequencia nas idéas, e facilidade de assimilação. Está satisfeito? Tome cuidado de, com a idade, não passar de economico a avarento.

DULAIR (Rio) — Pela pronunciada inclinação dos traços da sua graphia, está patente sua grande sensibilidade, sentimentalidade exaggerada, amor proprio susceptivel de se melindrar, fraqueza, talvez anemia.

Ha certo amor ao luxo, ás commodidades, ás grandes viagens e pelo traço com que firma sua assignatura se vê tambem um pouco de espirito vingativo, não se arrependendo depois de ter "tirado a desforra", como se diz vulgarmente.

Noto ainda um principio de perturbações cardio-vasculares. Por que não consulta um especialista? Proponha-se candidato a um seguro de vida e experimente ver si será aceito pela companhia, após o exame medico... Não pagará cousa alguma por isso.

Antes de sair applique o CREME HINDS



Quer seja num passeio de automovel

Quer saia a pé

O Creme Hinds protege a sua pelle

O uso do Creme Hinds amacia a pelle, protege-a, dá-lhe vigor e louçania



— alvura — além de limpá-la e curá-la de qualquer molestia ou estrago.

e ao voltar CREME HINDS applique o

AYDA (Itabira) — Gratissimo pela gentileza da sua cartinha. Fiquei muito satisfeito com o que disse e breve terá noticias minhas.

ROSELYNE (São Paulo) — Letra movimentada com diversos caracteristicos masculinos, mostrando independencia de caracter, força de vontade, firmeza de idéas, imaginação viva, alegria espontanea, agitação constante, loquacidade.

Tudo isto sem excluir natural bondade, delicadeza e sentimentalidade, com alguma coquetteria, propria das jovens elegantes.

OSA (São Paulo) — Bastante caprichosa sua calligraphia, dando signal de que é um espirito bizarro, excentrico, amigo da originalidade, o que não deixa de ser prova de certo desequilibrio mental.

E' caprichosa, dissimulada, mantendo alguma reserva e desconfiança. Teimosa, a maneira de fazer seu til, diz que liga pouca importancia ao que possam dizer de si, quando se julga em paz com a sua consciencia.

OLAVO (Bello Horizonte) — Confirmo o que já disse anteriormente e, mais ainda, que não teve alteração seu espirito indeciso, irreflectido, arrependendo-se sempre do que faz e cahindo sempre nas mesmas faltas. Continúa a falta de energia, embora se note agora mais um pouco de pressa, de actividade, de precipitação, mesmo.

GRAPHOLOGO

**Inscrevei-vos na
CRUZADA PELA EDUCAÇÃO**
ENSINANDO A LER
E ESCREVER A TODOS QUE
COM VOSCO VIVEM E TRABALHAM

CIRCO

o livro mais novo de
ALVARO MOREYRA
Edição Pimenta de Mello & Cia.
Em todas as livrarias



Banhista solitária, na praia da Urca

*Acaspa mais rebelde
e curada em 48 horas!*
com
FAVOGENIO

Medicamento e loção de exquisito perfume, impede a queda do cabelo, conserva a cor natural e debella as eczemas, tinha seborréia, etc., em pouco tempo. Destrói os parasitas da cabeça e da barba rapidamente. É útil e agradável: tonifica os cabelos e perfuma-os suavemente. FAVOGENIO é o ideal dos toucadores mais exigentes. VIDRO PELO CORREIO, 15\$000

A venda nas casas de 1ª ordem e na A' GARRAFA GRANDE
EMILIO PERESTELLO
RUA URUGUAYANA, 66 RIO DE JANEIRO

QUER GANHAR SEMPRE NA LOTERIA ?



A Astrologia oferece-lhe hoje a RIQUEZA. Aproveite-a sem demora e conseguirá FORTUNA e FELICIDADE. Guiando-me pela data do nascimento de cada pessoa, descobrirei o modo seguro que, com minhas experiências, todos podem ganhar na loteria, sem perder uma só vez. Milhares de attestados provam as minhas palavras. Mande seu endereço e 500 réis em sellos, para enviar-lhe GRATIS "O MENSAGEIRO DA FORTUNA". Remetta este aviso — Endereço Sr. Prof. P. Tong, Calle, Pozos 1369, Buenos Aires — Republica Argentina. — Cite esta Revista.



No High-Life Club



- Você tem namorado ?
- Não.
- Ah ! é casada ?
- Não !
- Vive como casada, não é ?
- Absolutamente !
- Não ha homem nenhum na sua vida ?
- Nenhum !
- Então, com quem é que você briga ?

MARATAN

proovado pela Saude Publica e receltado pelas Summidades medicas — Falta de forças, Anemia, Pobreza e impureza de sangue, Digestões difficeis, Velhice precoce. Deposita rios: Araujo Freitas & Cia. — 88, Rua dos Ourives, 88.

Tônico nutritivo estomacal (Arseniado Phosphatado) Elixir indígena — Preparado no Laboratório do Dr. Eduardo França — EXCELLENTE RECONSTITUINTE — Ap-

Clinica Medica de "Para todos..."

CACHEXIA FLUORICA

A therapeutica evolue, como todos os ramos da sabedoria humana. Dia a dia, surgem medicamentos novos, e rejeitamos hoje, o que anteriormente nos parecia adequado a combater umas tantas especies de morbus; mas nem todas as novidades podem ser recommendadas, "a priori", — o que seria a derrocada do senso medico.

Nos ultimos tempos, os compostos fluoricos obtiveram grande fama, emquanto os perigos do seu ingresso na therapeutica sobrepuzassem inteiramente as problematicas vantagens resultantes de seu emprego.

Um bom numero de escriptores e de medicos praticos ainda insiste no proposito de utilizar, continuamente e durante longo tempo, o fluoreto de calcio, contra a tuberculose.

Ha profundas convicções relativas á efficacia do alludido medicamento, em varias modalidades da terrivel infecção que o bacillo de Koch traz ao corpo humano.

Para os seus entusiasticos e extremados partidarios, o fluoreto de calcio é o valoroso athleta que vencerá a peste branca; no entretanto, as recentes observações de Christiani e de Chaurin, com relação a cachexia fluorica dos animaes, acabam de provar — e de uma forma irrefragavel — que diminutas doses de compostos fluoricos, ministradas quotidianamente, vão se accumulando, no organismo que as observa e, dentro de um espaço de tempo variavel, produzem um morbus particularissimo, — a "fluorose".

Os beneficios que o fluoreto de calcio determina, attenuando symptomas tísicos da infecção e produzindo, muitas vezes, sensiveis melhoras, no estado geral dos individuos tuberculosos, não compensam os males decorrentes da cachexia que a prolongada applicação do medicamento origina.

E a enganadora ausencia de perigo immediato não deve em absoluto, desviar a attenção clinica, porquanto as manifestações da cachexia fluorica são, quasi sempre, muito retardatarias, vindo, algumas vezes, após a realização de um longo tratamento, aparentemente inoffensivo, durante dois ou tres annos.

S. A. "O MALHO"

S. PAULO

Para assignaturas, annuncios ou qualquer outro assumpto, procure nossa succursal:

Rua Senador Feijó, 27

8º ANDAR — SALAS 86 e 87

ONDE SERA' ATTENDIDO
COM A MAIOR SOLICITUDE

As nossas revistas, lidas desde os grandes centros aos logarejos mais remotos do Brasil, actuam em todas as classes sociais.

Telephone: 2-1691

CONSULTORIO

GENA (Campinas) — Regularizada a função, cessam todas essas anormalidades. Pela manhã e á noite, use 2 comprimidos ovaricos. Durante os cinco ou seis dias que precedem a época esperada, em lugar dos mencionados comprimidos, use pela manhã e á noite, uma capsula de "Apol Joret et Homolle". Depois de cada refeição principal, tome uma colher (das de sopa) de "Malt Aleol". No momento dos incommodos periodicos, não deve usar nenhum desses remedios.

BABY (São Paulo) — Basta usar: dionina 5 centigrammas, creosal 1 gramma, tintura de polygala 4 grammas, extracto fluido de guaco 6 grammas, xarope de selva de pinheiro maritimo 100 grammas, xarope de tolú 200 grammas — uma colher (das de sopa) de quatro em quatro horas.

Para unhas lindas
Esmalte "Gaby"

L. I. L. A. (Rio) — Evite todo e qualquer esforço physico ou intellectual. Repouse durante uns quinze dias. Depois de cada refeição principal, tome o "Porxol". Si reaparecerem as crises nervralgicas, use: licor de Hoffmann 30 gottas, analgesina 1 gramma, tintura de valeriana 1 gramma, extracto fluido de mulungú 10 grammas, hydrolato de louro cereja 10 grammas, xarope de lactucario 30 grammas, hydrolato de melissa 120 grammas — tres colheres (das de sopa) por dia.

V. I. E. I. R. A. (São Gonçalo de Sapucahy) — Em face do resultado positivo obtido pelo exame, não ha tempo a perder. Use: bi-jodureto de hydrargyrio 15 centigrammas, tintura de caroba 4 grammas, tintura de cabeça de negro 5 grammas, iodureto de stroncio 6 grammas, extracto fluido de tayuyá 10 grammas, extracto fluido de salsaparrilha 15 grammas, xarope de cascas de laranjas amargas 300 grammas — uma colher (das de sopa) depois de cada refeição principal. Faça, por semana, tres injeções intramusculares, com o "Euesol". Em fricções, sobre os pontos doloridos, empregue o "Analgy".

A. U. T. A. (Pindamonhangaba) — O estado de fraqueza descripto em sua carta produziu aquellas perturbações. Fortifique o organismo, fazendo, por semana, 3 injeções hypodermicas, com a "Tonikeline", e usando: arrhenal 50 centigrammas, lacto-phosphato de calcio 15 grammas, glycerina 30 grammas, xarope de proto-iodureto de ferro 300 grammas — uma colher (das de sopa) depois de cada refeição principal. Durante as crises dolorosas, use: extracto fluido de gelsemium 50 gottas, benzoato de benzylla 1 gramma, extracto fluido de viburnum prunifolium 2 grammas, xarope de flores de laranja 30 grammas, hydrolato de valeriana 120 grammas — uma colher (das de sopa) de tres em tres horas.

E. L. I. E. (Oliveira) — Use, pela manhã, um comprimido de "Hypophysina" e, á noite, um comprimido de "Ovarina". Depois de cada refeição principal, tome quinze gottas de "Prosthenase Galbrun", num calice d'agua assucarada. Externamente, empregue: tintura de iodo recentemente preparada 20 grammas, tannino 80 grammas, glycerina neutra 300 grammas — uma colher (das de sopa) num irrigador chelo d'agua morna, em lavagens diarias, pela manhã e á noite.

DR. DURVAL DE BRITO

GRAÇAS A'S GOTTAS SALVADORAS DAS PARTURIENTES

do DR. VAN DER LAAN

Desapparecem os perigos dos partos difficeis e laboriosos.

A parturiente que fizer uso do alludido medicamento durante o ultimo mez de gravidez terá um parto rapido e feliz.



Innumeros attestados provam exuberantemente sua efficacia e muitos medicos o aconselham.

Vende-se aqui e em todas as farmacias e drogarias.

Deposito geral:

ARAÚJO FREITAS & CIA.
RIO DE JANEIRO

Remington

É hoje a máquina de escrever que mais aceitação tem no mundo inteiro.

Uma resistência insuperável, acção rápida, o "toque natural" e trabalho nitido, são algumas das qualidades que fizeram a "Remington" conquistar a supremacia universal.

Pedam uma demonstração sem compromisso de compra á



Casa Pratt

Rua do Ouvidor, 123-125 Praça da Sé, 16-18
RIO DE JANEIRO S. PAULO



A máquina que satisfaz

Filiaes ou Agencias em todos os Estados do Brasil

O VELHO QUE PEDE ESMOLAS

(A Paulo Matta Filho)

Tem um velho que pede esmolas na minha rua.
Elle não diz o seu nome porque é pobre...
Chama todo o mundo de "sinhô" porque é preto...
Eu sempre dou esmola ao pobre velho...
Gosto delle. Nunca me fez mal.
Chama-me de "sinhô moço"...
Mas elle também sonha.

Hontem me contou um sonho seu...
Sonhou que tinha tirado um bilhete de sorte grande.
Depois tinha comprado, com o dinheiro, um cannavial...
O cannavial era tão verde e tão bonito.
Porém veio um vento forte e o matto morreu todo...
Quando acordou nem bilhete, nem cannavial, nem vento.
Assim vai vivendo o pobre velho...
Mas eu só gosto delle porque sonha, sonha...

CARLOS J. DUARTE



Festa infantil no Grajahu Tennis Club, e, á direita, aniversario de Sergio Alberto, filho do casal Alberto Barrocas

PROCUREM

as mais bellas canções do Carnaval de 1930
em discos

Brunswick



SAMBA
10.000 — 10.009
10.001 — 10.014

Nos melhores
apparelhos
do Mundo

Pana'rope
Poruns vick

ja podem ser
ouvidos os
discos grava-
do Brasil.

Musica e
canções de
genero
popular
caracteristico
brasileiro

BATUQUES
E
CATERE-
TES

10.002
10.010
10.037

MODINHAS

10.005
10.018
10.023

CANÇÕES E TOADAS
10.012 — 10.015

EMBOLADAS

10.004 — 10.037

Gravação
perfeita



MARCHAS

10.033 — 10.039
10.034 — 10.035

MAXINES

10.024 — 10.028
10.029 — 10.031



Distribuidores

Assumpção & Cia. Ltda. - AVENIDA RIO BRANCO, 147 - RIO
PRAÇA DO PATRIARCHA, 6 - S. PAULO

PARA TODOS

JE LAÍ SE FOI O CARNAVAL



CIDADE abre os braços, ainda tonta.
Está com somno, mas não quer dormir.
Como foi? Como foi? Foi bom, bom, bom!
Não foi?

A cidade quer cantar, não se lembra, só sabe que aquele perfume de ether a desvairou, que havia muita música, uma porção de cantigas tristes e bonitas, a gente cantava, a gente dançava, diziam que era a alegria da cidade e não era. Não era, não.
O Carnaval é a nossa melancolia que enlouquece todos os anos, é a nossa indiferença que vai para os bailes e para as ruas fantasiada de entusiasmo, é a vontade de divertir-se, não é o divertimento.

Olhe os seus olhos no espelho. Que é que você vê?

Uma resignação que vem do fundo da sua vida, e você nunca pensou porque.

Recorde agora as coisas que lhe interessam: banho de mar, dança, cinema, football.

Tudo de excesso, de exaggero, de exterior.

E você é inteligente como no mundo não existe ninguém mais inteligente.

Por que será? A culpa não é sua, de certo. A culpa é dos outros. Paciência. Podia ser pior.

«Na Pavuna
bum, bum, bum!
na Pavuna
bum, bum, bum!
tem um samba
que só dá gente reuna!»

SAMUEL
TRISTÃO

GARCIA, em pé, mirava e estalava as unhas; Fortunato, na cadeira de balanço, olhava para o tecto; Maria Luiza, perto da janella, concluía um trabalho de agulha.

Havia já cinco minutos que nenhum d'elles dizia nada. Tinham falado do dia, que estivera excellente, — de Catumbý, onde morava o casal Fortunato, e de uma casa de saúde, que adiante se explicará. Como os tres personagens aqui presentes estão agora mortos e enterrados, tempo é de contar a historia sem reboço.

Tinham falado tambem de outra coisa, além daquellas tres, coisa tão feia e grave, que não lhes deixou muito gosto para tratar do dia, do bairro e da casa de saúde. Toda a conversação a este respeito foi constrangida. Agora mesmo, os dedos de Maria Luiza parecem ainda tremulos, ao passo que ha no rosto de Garcia uma expressão de severidade, que lhe não é habitual. Em verdade, o que se passou foi de tal natureza, que, para fazel-o entender, é preciso remontar á origem da situação.

Garcia tinha-se formado em medicina, no anno anterior, 1861. No de 1860, estando ainda na Escola, encontrou-se com Fortunato, pela primeira vez, á porta da Santa Casa; entrava, quando o outro sahia. Fez-lhe impressão a figura; mas, ainda assim, tel-a-ia esquecido, se não fosse o segundo encontro, poucos dias depois. Morava na rua D. Manoel. Uma de suas raras distrações era ir ao theatro S. Januario, que ficava perto, entre essa rua e a praia; ia uma ou duas vezes por mez, e nunca achava alma de quarenta pessoas. Só os mais intrepidos ousavam estender os passos até áquelle recanto da cidade. Uma noite, estando nas cadeiras, appareceu ali Fortunato, e sentou-se ao pé d'elle.

A peça era um dramalhão, cosido a facadas, ouriçado de imprecações e remorsos; mas Fortunato ouviu-a com singular interesse. Nos lances dolorosos, a attenção d'elle redobrava, os olhos iam avidamente de um personagem a outro, a tal ponto que o estudante suspeitou haver na peça reminiscencias pessoas do vizinho. No fim do drama, veio uma farça; mas Fortunato não esperou por ella e sahio; Garcia sahio atraz del-

le. Fortunato foi pelo becco do Cotovello, rua de S. José, até o largo da Carioca. Ia devagar, cabibaxio, parando ás vezes, para dar uma bengalada em algum cão que dormia; o cão ficava ganindo e elle ia andando. No largo da Carioca entrou num tilbury, e seguiu para os lados da praça da Constituição. Garcia voltou para casa sem saber mais nada.

Decorreram algumas semanas. Uma noite, eram nove horas, estava em casa, quando ouviu rumor de vozes na escada; desceu logo do sótão, onde morava ao primeiro andar, onde vivia um empregado do Arsenal de Guerra. Era este, que alguns homens conduziam, escada acima, ensanguentado. O preto que o servia, accudiu a abrir a porta; o homem gemia, as vozes eram confusas, a luz pouca. Deposto o ferido na cama, Garcia disse que era preciso chamar um medico.

— Já ahí vem um, accudiu alguém.

Garcia olhou: era o proprio homem da Santa Casa e do theatro. Imaginou que seria parente ou amigo do ferido; mas rejeitou a suposição, desde que lhe ouvira perguntar se este tinha familia ou pessoa proxima. Disse-lhe o preto que não, e elle assumiu a direcção do serviço, pediu ás pessoas estranhas que se retirassem, pagou aos carregadores, e deu as primeiras ordens. Sabendo que o Garcia era vizinho e estudante de medicina, pediu-lhe que ficasse para ajudar o medico. Em seguida contou o que se passara.

— Foi uma malta de capoeiras. Eu vinha do quartel de Moura, onde fui visitar um primo, quando ouvi um barulho muito grande, e logo depois um ajuntamento. Parece que elles feriram tambem a um sujeito que passava, e que entrou por um daquelles beccos; mas eu só vi a este senhor, que atravessava a rua no momento em que um dos capoeiras, roçando por elle, metteu-lhe o punhal. Não cahiu logo; disse onde morava, e como era a dois passos achei melhor trazel-o.

— Conhecia-o antes? — perguntou Garcia.

— Não, nunca o vi. Quem é?

— É um bom homem, empregado no Arsenal de Guerra. Chama-se Gouvêa.

— Não sei quem é. Medico e sub-delegado vieram dahi a pouco; fez-se o curativo, e tomaram-se as informações. O desconhecido declarou chamar-se Fortunato Gomes da Silveira, ser capitalista, solteiro, morador em Catumbý. A ferida foi reconhecida grave. Durante o curativo, ajudado pelo estudante, Fortunato serviu de criado, segurando a bacia, a vela, os pannos, sem perturbar nada, olhando friamente para o ferido, que gemia muito. No fim, entendeu-se particularmente com o medico, acompanhou-o

A Causa

Desenho de Oswaldo de Goeldi

até o patamar da escada, e reiterou ao sub-delegado a declaração de estar prompto a auxiliar as pesquisas da policia. Os dois sahiram, elle e o estudante ficaram no quarto. Garcia estava attonito. Olhou para elle, viu-o sentar-se tranquillamente, estirar as pernas, metter as mãos nas algibeiras das calças, e fitar os olhos no ferido. Os olhos eram claros, cõr de chumbo, moviam-se devagar, e tinham a expressão dura, seca e fria. Cãra magra e pallida; uma tira estreita de barba, por baixo do queixo, e de uma tempora a outra, curta, ruiva e rara. Teria quarenta annos. De quando em quando voltava-se para o estudante e perguntava alguma coisa acerca do ferido; mas tornava logo a olhar para elle, enquanto o rapaz lhe dava a resposta. A sensação que o estudante recebia era de repulsa ao mesmo tempo que de curiosidade; não podia negar que estava assistindo a um acto de rara dedicação, e se era desinteressado como parecia, não havia mais que accellar o coração humano como um poço de mysterios.

Fortunato sahio pouco antes de uma hora; voltou nos dias seguintes, mas a cura fez-se depressa, e, antes de concluida, desappareceu sem dizer ao obsequiado onde morava. Foi o estudante que lhe deu as indicações do nome, rua e numero.

— Vou agradecer-lhe a esmola que me fez, logo que possa sahir, disse o convalescente.

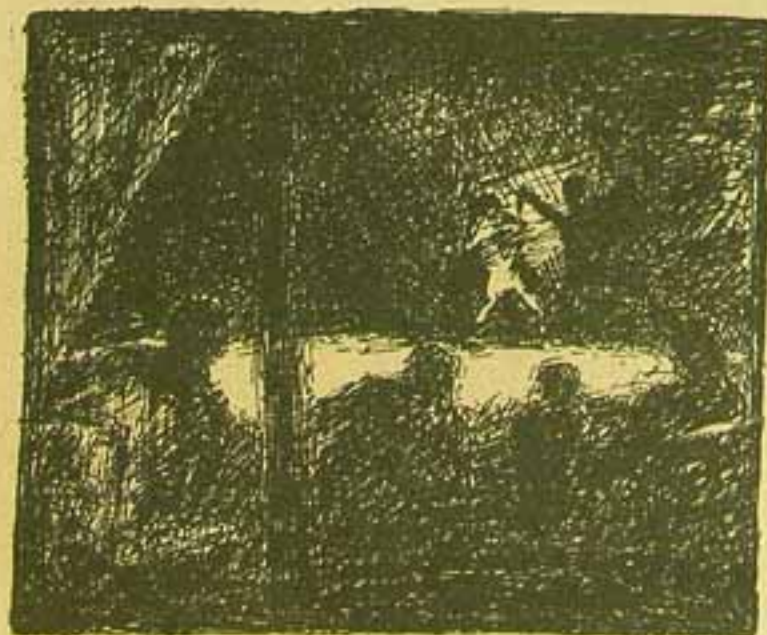
Correu a Catumbý dahi ha seis dias. Fortunato recebeu-o constrangido, ouviu impaciente as palavras de agradecimento, deu-lhe uma resposta enfatiada e acabou batendo com as borlas do chambre no joelho. Gouvêa, defronte d'elle, sentado e calado, alizava o chapéo com os dedos, levantando os olhos de quando em quando, sem achar mais nada que dizer. No fim de dez minutos, pediu licença para sahir, e sahio.

— Cuidado com os capoeiras! — disse-lhe á porta o dono da casa, rindo-se.

O pobre diabo sahio de lá mortificado, humilhado, mastigando a custo o desdign, forçando por esquecel-o, explical-o ou perdoal-o, para que no coração só ficasse a memoria do beneficio; mas o esforço era vão. O resentimento, hospede novo e exclusivo, entrou e pôs fóra o beneficio, de tal modo que o desgraçado não teve mais que trepar á cabeça e refugiar-se ali como uma simples idéa. Foi assim que o proprio bemfeitor insinuou a este homem o sentimento da ingratidão.

Tudo isso assombrou o Garcia. Este moço possuía, em germen, a faculdade de decifrar os homens, de decompor os caracteres, tinha o amor da analyse, e sentia o regulo, que dizia ser supremo, de penetrar muitas camadas moraes, até apalpar o segredo de um organismo. Picado de curiosidade, lembrou-se de ir ter com o homem de Catumbý, mas advertiu que nem recobera d'elle o offerecimento formal da casa. Quando menos, era-lhe preciso um pretexto, e não achou nenhum.

Tempos depois, estando já formado e morando na rua de Mata-Cavalllos, perto da do Conde, encontrou Fortunato em uma gondola, encontrou-o ainda outras vezes, e a frequencia



"A peça era um dramalhão, cosido a facadas..."

Secreta

Conto de Machado de Assis

trouxe a familiaridade. Um dia Fortunato convidou-o a ir visitá-lo ali perto, em Catumbý.

— Sabe que estou casado?

— Não sabia.

— Casei-me há quatro mezes, podia dizer quatro dias. Vá jantar connosco domingo.

— Domingo?

— Não esteja forjando desculpas; não admitto desculpas. Vá domingo.

Garcia foi lá domingo. Fortunato deu-lhe um bom jantar, bons charutos e boa palestra, em companhia da senhora, que era interessante. O figura delle não mudara; os olhos eram as mesmas chapas de estanho, duras e frias; as outras feições não eram mais atraentes que dantes. Os obsequios, porém, se não resgata-vam a natureza, davam alguma compensação, e não era pouco. Maria Luiza é que possuía ambos os feições, pessoa e modos. Era esbelta, airosa, olhos meigos e submissos; tinha vinte e cinco annos e parecia não passar de dezo-nove. Garcia, á segunda vez que lá foi, percebeu que entre elles havia alguma dissonancia de caracteres, pouca ou nenhuma affinidade moral, e da parte da mulher para com o marido uns modos que transcendiam o respeito e confinavam na resignação e no temor. Um dia, estando os tres juntos, perguntou Garcia a Maria Luiza se tivera noticia das circumstancias em que elle conhecera o marido.

— Não, respondeu a moça.

— Vae ouvir uma acção bonita.

— Não vale a pena, interrompeu Fortunato.

— A senhora vae ver se vale a pena, insistiu o medico.

Contou o caso da rua de D. Manoel. A moça ouviu-o espantada. Insensivelmente estendeu a mão e apertou o pulso ao marido, rissonha e agradecida, como se acabasse de descobrir-lhe o coração. Fortunato sacudia os hombros, mas não ouvia com indifferença. No fim, contou elle proprio a visita que o ferido lhe fez, com todos os pormenores da figura, dos gestos, das palavras atadas, dos silencias, em summa, um esturdió. E ria muito ao contar-a. Não era o riso da dobrez. A dobrez é evasiva e obliqua; o riso delle era jovial e franco.

— Singular homem! — pensou Garcia.

Maria Luiza ficou desconsolada com a zombaria do marido; mas o medico restituiu-lhe a satisfação anterior, voltando a referir a dedicação deste e as suas raras qualidades de enfermeiro; tão bom enfermeiro, concluiu elle, que, se algum dia fundar uma casa de saúde, hei convidado-o.

— Valeu? — perguntou Fortunato.

— Valeu o que?

— Vamos fundar uma casa de saúde?

— Não valeu nada; estou brincando.

— Podia-se fazer alguma coisa; e para o senhor, que começa a clinica, acho que seria bem bom. Tenho justamente uma casa que vae vagar, e serve.

Garcia recusou nesse e no dia seguinte; mas a idéa tinha-se mettido na cabeça ao outro, e não foi possível recuar mais. Na verdade, era uma boa estrêa para elle, e podia vir a ser um bom negocio para ambos. Aceitou fi-

nalmente, dali ha dias, e foi uma desillusão para Maria Luiza. Creatura nervosa e fragil, padecia só com a idéa de que o marido tivesse de viver em contacto com enfermidades humanas; mas não ousou oppor-se-lhe, e curvou a cabeça. O plano fez-se e cumpriu-se depressa. Verdade é que Fortunato não curou de mais nada, nem então, nem depois. Aberta a casa, foi elle o proprio administrador e chefe de enfermeiros, examinava tudo, ordenava tudo, compras e caldos, drogas e contas.

Garcia ponde então observar que a dedicação ao ferido da rua de D. Manoel não era um caso fortuito, mas assentava na propria natureza deste homem. Via-o servir como nenhum dos famulos. Não recuava deante de nada, não conhecia molestia afflictiva ou repellente, e estava sempre prompto para tudo, a qualquer hora do dia ou da noite. Toda a gente pasmava e applaudia. Fortunato estudava, acompanhava as operações, e nenhum outro curava os causticos. "Tenho muita fé nos causticos" — dizia elle.

A communhão dos interesses apertou os laços da intimidade. Garcia tornou-se familiar na casa; ali jantava quasi todos os dias, ali observava a pessoa e a vida de Maria Luiza, cuja solidão moral era evidente. E a solidão como que lhe duplicava o encanto. Garcia começou a sentir que alguma coisa o agitava, quando ella apparecia, quando falava, quando trabalhava, calada, ao canto da janella, ou tocava ao piano umas musicas tristes. Manso e manso entrou-lhe o amor no coração. Quando deu por elle, quiz expellir-o, para que entre elle e Fortunato não houvesse outro laço que o da amizade; mas não ponde. Ponde apenas trancal-o; Maria Luiza comprehendeu ambas as coisas, a affeição e o silencio, mas não se deu por achada.

No começo de Outubro deu-se um incidente, que desvendou ainda mais aos olhos do medico a situação da moça. Fortunato metter-se a estudar anatomia e physiologia, e occupava-se nas horas vagas em rasgar e envenenar gatos e cães. Como os guinchos dos animaes atordoavam os doentes, mudou o laboratorio para casa, e a mulher, cumplicação nervosa, teve de os sofrer. Um dia, porém, não podendo mais, foi ter com o medico e pediu-lhe que, como coisa sua, alcançasse do marido a cessação de taes experiencias.

— Mas a senhora mesma...

Maria Luiza acudiu, sorrindo:

— Elle naturalmente achará que sou criança. O que eu queria é que o senhor, como medico, lhe dissesse que isso me faz mal; e creia que faz...

Garcia alcançou promptamente que o outro acabasse com taes estudos. Se os foi fazer em outra parte, ninguém o soube, mas pôde ser que sim. Maria Luiza agradeceu ao medico, tanto por ella como pelos animaes, que não podia ver padecer. Tossia de quando em quando;

Garcia perguntou-lhe se tinha alguma coisa, ella respondeu "que nada".

— Deixe ver o pulso.

— Não tenho nada.

Não deu o pulso, e retirou-se. Garcia ficou apprehensivo. Cuidava, ao contrario, que ella podia ter alguma coisa que era preciso observar-a, e avisar o marido em tempo.

Dois dias depois, — exactamente o dia em que os vemos agora, — Garcia foi lá jantar. Na sala disseram-lhe que Fortunato estava no gabinete, e elle se encaminhou para ali; lá chegando á porta, no momento em que Maria Luiza sahia afflictiva.

— Que é? perguntou-lhe.

— O rato! o rato! — exclamou a moça, sufocada, e affastando-se.

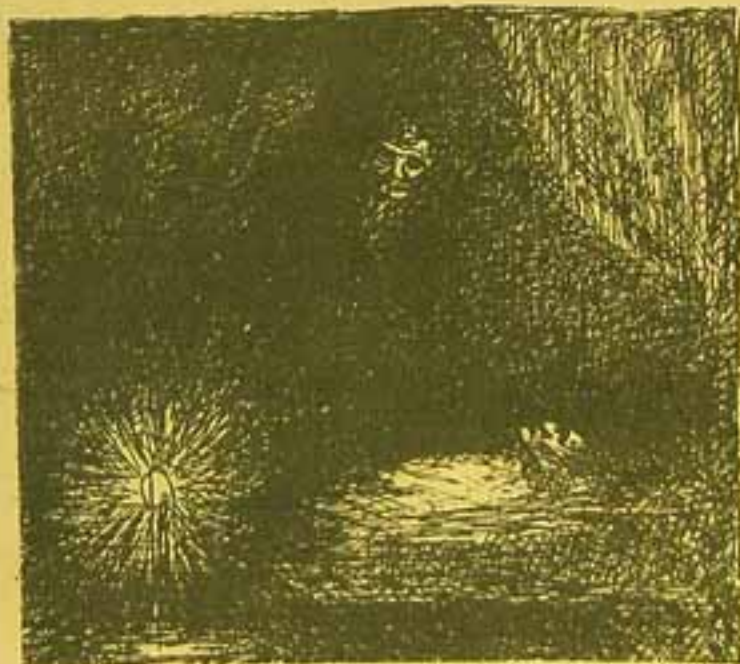
Garcia lembrou-se que, na vespera, ouvira ao Fortunato queixar-se de um rato, que lhe levára um papel importante; mas estava longe de esperar o que viu. Viu Fortunato sentado á mesa, que havia no centro do gabinete, e sobre a qual puzera um prato com espirito de vinho. O liquido flammejava. Entre o pollegar e o indice da mão esquerda segurava um barbante, de cuja ponta pendia o rato atado pela cauda. Na direita tinha uma tesoura. No momento em que o Garcia entrou, Fortunato cortava ao rato uma das patas; em seguida desceu o infeliz até á chamma, rapido, para não matal-o, e dispoz-se a fazer o mesmo á terceira, pois já lhe havia cortado a primeira. Garcia estacou, horrorizado.

— Mate-o logo! — disse-lhe.

— Já vae.

E com um sorriso unico, reflexo de alma satisfeita, alguma coisa que traduzia a delicia intima das sensações supremas, Fortunato cortou a terceira pata ao rato, e fez pela terceira vez o mesmo movimento até á chamma. O miseravel estorcia-se, guinchando, ensanguentado, chamuscado, e não acabava de morrer. Garcia desviou os olhos, depois voltou-os novamente, e estendeu a mão para impedir que o supplicio continuasse, mas não chegou a fazel-o, porque o diabo do homem impunha medo, com toda aquella serenidade radiosa da physiologia. Faltava cortar a ultima pata; Fortu-

(Termina no fim do numero)



"... Velando o cadáver..."

Ainda lhe bailavam na concha dos ouvidos aqueles sons perturbadores que lhe faziam reviver o passado de hontem e lhe produziam as mais estranhas emoções. Daquella cadeira de rodas, onde o Destino o immobilizara nos grilhões de uma cruel paralyisia, da qual não lhe restavam mais esperanças de libertar-se, acompanhara com os ouvi-

dos e com os olhos encharcados de lagrimas e de tristeza os risos e a alegria esfusante do Carnaval. Elle ali ficara no desespero maior, na sala ampla, abertas as janellas de par em par, soffrendo pela primeira vez na sua vida, as agruras sem fim de vêr o Carnaval, sem delle gosar os desvarios. E' que acorrentara-o aquella cadeira, quatro mezes antes, a doença que o matava em vida, matando-lhe os movimentos e sepultando-lhe os sonhos. Ouvira os pequenos da vizinhança no contentamento mais expressivo, cantarolando as tôdas carnavalescas que repetia baixinho, e vira na expansão das ruas, no delirio das serpentinas que se cruzavam, na chuva de confetti que cahia, a felicidade que perdera, para sempre! E, agora, na quarta-feira de amargas desillusões e de cinzas, o paralytico conversava connosco exactamente sobre o primeiro carnaval de cujos folguedos não participara...

— Talvez para o anno já esteja bom...

— Qual, amigo, não se illuda, nem me illuda: estou morto e só ainda falo para ter o direito de expandir meus soffrimentos!

E perguntando:

— Como foi de Carnavál?

— Bem...

— E o amigo?

Elle nos cravou os olhos, num espanto. E sem os afastar do alvo foi falando, de vagar, de vagar:

— E eu... pergunta... como eu o passei que só o vi, de longe, na bocca dos outros e na alegria alheia? E eu, indaga, um paralytico que se não move, que depende de mãos estranhas para alimentar-se, para vestir-se e até para viver?

Sacudindo a cabeça, num desanimo:

— Pobre de mim... Ainda no anno que morreu vivi o Carnaval num Arlequim cheio de audacia. Tive tres dias de animação, tres dias de amucinação. Neste anno tres dias de abandono, de isolamento e desespero...

E soluçando:

— O Arlequim morreu, a Colombina vive na graça das mulheres felizes, e, por elles pela sua desillusão amarga o paralytico soffre!

Não era facil a empreitada, mas desde que a ella nos propuzemos não desanimamos... Falaremos ao homem que passara o seu primeiro Carnaval depois de cruel paralyisia; chegavamos, agora,



Os Exilados do Carnaval...

aquella vivenda risonha, onde um surdo, impressionantemente triste, nos esperava... Um capitão reformado, que no anno anterior se entregára ao Carnaval com toda a expansão do seu temperamento bohemio...

Há um mez soffria as consequências irremediáveis de um accidente, e a festa do Momo desenrolára os seus dias sem que elle os gossasse. E com a vivacidade que lhe é innata, o capitão offerecendo-nos uma cadeira em frente a sua mesa de trabalho, pediu escrevessemos o que lhe desejavamos perguntar... Fizemol-o. Elle, com firmeza, procurando disfarçar as bem explicaveis sensações que o sacudiam, respondeu a seguir:

— O Carnaval para mim foi a canção que eu adivinhei pelo movimento dos labios da mulher que o cantou... Elle se estendeu aos meus olhos nos seus quadros todos mas o que gosto d'elle não tive: sua musica, o perfume da sua alegria e a alegria da sua vibração! Meus olhos mergulharam na animação dos tres dias felizes; minha alma teve as emoções suaves do desvario bemdito, mas meus ouvidos, como pedra tumular, sepultaram, e para sempre, a razão de ser de toda a felicidade que, para mim, existia na terra!

— Ah! Nem me faça essa pergunta, que é cruel, nem me submeta a essa interrogação, que é atroz!

Tremulos os labios, as mãos tremulas, o cego, comovido, respondia ao que lhe indagavamos, depois dos cumprimentos do estylo, logo que nos recebeu no gabinete forrado de azul.

— Folião dos mais extremados, amando o Carnaval tanto quanto a propria vida, fiquei com parte desta, sim, mas perdi todo aquelle!

— Exaggera...

— Illusão meu caro...

E, numa explosão de revolta, os punhos crispados, a voz cheia de calor:

— Então quer martyrio maior para mim que encher os meus ouvidos de sons e meu pensamento de imagens que meus olhos não podem fixar? Então eu sentir bem perto de mim a mascarada, o seu perfume, sem ver-lhe as linhas do corpo e a moldura do rosto? Depois de uma pausa:

— Não meu caro senhor. Foi horrível o meu Carnaval... foi como se me encerrassem num caixão e ninguém ouvisse os meus gritos de desespero...

— Acalme-se...

— Calmo de mais sou eu... Na terça-feira estive na Avenida junto a porta, sentindo o ruido dos que passavam, ouvindo as phrases que se desprendiam das boccas que eu não enxergava, mas que adivinhava lindas e me emocionando a zoadá ambiente...

Tossiu, cruzou as pernas e continuou:

— Dahi a instantes tomaram de assalto os meus ouvidos, em meio a um fragôr immenso que crescia, palavras que interpretavam as visões que nunca mais me seriam dadas assistir!

— Lá vem os prestitos!

Os que me rodeavam — senti — se animaram e pelo que me era permittido pelos ouvidos, se debatiam na ancia de uma posição melhor.

— Corriam os minutos, a animação crescia a quando aquelle trecho onde me encontrava ficou sob o pallio de clarão immenso, mais comprehendí o meu infortunio, ouvindo:

— Que lindo carro! Olha! Que espirito! Que idéa maravilhosa

Agora numa exclamação nervosa:

— E aquelle!... Como é artistico!

— Repara como giram aquellas flores e olha como aquellas mulheres ficaram ali, sem cahir!

Elle sem se interromper:

— Fiz um esforço na ancia de vêr o que eu não via e ainda perguntei:

— Onde?

E uma voz de mulher disse ao meu lado, talvez apontando o dedo:

Ali!

Ali para ella, amigo, era a orgia da festa. Era o clarão.

E amarguradamente:

— Para mim eram as trevas da minha desgraça e dos meus olhos!

Barros Vidal



Bailes

No Praia Club. — No Atlantico Club.
— No Club de Regatas Guanabara. —
No Club Gymnastico. — No Club de
Regatas Flamengo. — Instantaneos de
fantasias.





Corso
de
automoveis



Mascarados
nas
ruas



Senhoritas que estiveram no baile em casa do deputado Francisco Peixoto





O curso de domingo gordo

Alguns dos milhares de automoveis que rodaram da Praça Mauá a Botafogo



Grupos apanhados no baile do Club de Regatas Icarahy. — Tres aspectos do baile infantil do Praia Club. — No

Club Central de Nietheroy. — No Club Portuguez. — No Praia Club. — Um
::: chinézinho de Icarahy. :::





Depois

o jantar, Mario Novas tentou ler os jornais vespertinos.

Estirei-se na "chaise-longue" e sob a luz verde do "abat-jour" passou os olhos pelas notícias políticas, nada encontrando de novidade. Procurou as notas de sport, de theatre, de carnaval. Para distrahir.

Atentou, então, que estava no carnaval. Chamar a amante e, sentando-a ao seu lado, deitando-lhe a cabeça nas pernas, affagando-o, vendo-se bem nos olhos della, fez-lhe o convite:

— Vamos domingo, ao baile dos artistas, no Assyrio?

Henriqueta Neval ficou com os olhos verdes brilhando mais ainda a claridade cõr do mar do abat-jour, sem responder. Tal como se nada tivesse ouvido.

— Vamos? insistiu Mario Novas.

E como se realmente ella não tivesse ouvido bem:

— Ao baile dos artistas?

— Sim.

— Não. Será melhor não irmos.

— Por que?

— Em casa estaremos melhor. Um baile de carnaval com 36° á sombra deve ser horrível...

E sentou-se. Pegou de um jornal e espalhou o olhar pela pagina toda, como se procurasse a noticia de determinado acontecimento. Mas sem ler. Interessando-se sem interesse.

Mario Novas foi abrir a pasta e de lá sahiram tres convites para bailes carnavalescos. Quiz ainda envolver a amante numa tentação.

— Vamos, então, ao "reveillon" de inauguração do Lido, na Avenida Atlantica.

Ella repetiu displicente:

— Não. Em casa estaremos melhor.

Naquella noite o carnaval não guistou mais a conversa de ambos.

Henriqueta Neval não pode dormir naquella noite. Com insomnia. Fechava os olhos e tinha pesadellos. Os sonhos se repetiam na mesma barafunda inquietadora. Nunca uma noite lhe parecera tão comprida. Tão longa. Fechava os olhos e logo se revolvía na rã de fogo dos sonhos confusos e barbaros. Acordava assustada, com o coração oppresso. Rolava o corpo rolo e cheiroso na brancura dos lenhos tepidos e não dormia como desejava.

A manhã veio encolral-a calma, as palpebras cerradas, a rosa de ouro dos cabelos florescendo nos travesseiros, dormindo.

Quando acordou era meio-dia. O sol fulgia na verdejante montanha fronteira. Dourando as arvores. Escrevendo poemas de luz na copa alta das arvores.

Estirou o pequeno corpo sensual sobre a massa affagante dos lençõs e prendendo o qualxio na concha das mãos, os cotovellos fincados no colchão, ficou-se a olhar o mar sereno e verde dos olhos no espelho

límpido e oval do guarda-casaca. Transversalmente deitada na cama. Numa attitude morta de esphynge. Parada. Mas só exteriormente. No intimo de Henriqueta surgiam de bobuia recordações indesejáveis.

Rebolou-se no leito e deitou a cabeça nos travesseiros, de olhos fechados, como numa dormencia doce.

...

Fôra por um carnaval, ha tres annos, que a sua vida tomara novo rumo. Ou se tornara diferente.

— Vamos ao baile do "High-Life?" perguntou-lhe Laurita Queiroz, filha de uma viuva de suspeita fama no bairro. Arranjaremos uma fantasia e fre-mos divertir. Voltaremos cedo.

Antes de accellar ficou a pensar no que não podia pensar. Procurando descobrir um perigo de que não tinha noção. Que não sabia se existia. Depois accellou.

Fôra a amiga quem lhe levou na vespera um Pierrot azul, que ella achou admiravel e no qual se achou bonita, após. O amigo iria de Colombina. E assim foram ao baile. Henriqueta sórinha, a outra com o namorado.

Um Pierrot azul sórinha numa noite de carnaval.

Ao entrar no "High-Life" o ambiente como que a atordoara.

Aquellas gentes de mascara que ella jamais vira, os corpos masculinos que roçavam audaciosamente no seu corpo virginal e velludico, a volupia selvagem dos sambas e maxixes incendiados de languidez e sensualismos, o ether que entorpecia o ambiente, as serpentinas que se entrecruzavam, multicores, como um aranhol disforme e animado, os gritos, os rumores intraduzíveis, as luzes, a decoração allucinante, as phrases que tinham atrações mornas de convites peccaminosos, o contacto daquella gente louca e desenfreada — tudo punha Henriqueta Neval embriagada, aturdida, fóra de si mesma.



CARLOS RUBENS

A propria amiga, logo ao chegarem, dera-lhe um par. Que ella não conhecia, que a não conhecia. Não se largaram mais os dois, dansando, no "buffete", conversando, no ar franco e fresco do parque. E as horas no relógio do tempo correndo. Nas horas alegres o relógio do tempo não tem mostrador.

Já conhecia o Pierrot amarello que a outra lhe offerecera. Sabia-lhe o nome. Quem era. E no atordoamento das dansas e do ether e de certos cocktails, a vida como que se resumia toda naquella noite de loucura. Mesmo da familia tinha uma noção vaga e quasi evanescida. Tudo no mundo era ella e elle, em cuja companhia aquellas horas não teriam fim e em cujo braço se abandonava, languida, inconsciente, coisa-nenhuma.

Num instante de lucidez, quiz saber o rumo das horas.

Tres, disse-lhe o par.

Henriqueta Neval teve um assombro que os olhos, através do "loup" negro, reflectiram.

Procurou a amiga e não a encontrou. Percorreu todos os lugares. Pesquisou tudo. Debalde. O Pierrot fulvo aqileto-a:

— Leval-a-hei em casa.

— Não! protestou. Seria o cumulo chegar sórinha áquella hora em casa. E os paes?

— Leval-a-hei em casa de Laurita. Haverá um pretexto. Nem se inventaram inutilmente os pretextos. Vamos?

Foram. No auto Henriqueta adormeceu recostada no hombro do Pierrot cõr de ouro.

O que se passou depois começou de ser a historia da sua vida.

Accordou no dia seguinte, domingo, num quarto de Hotel, nas Lorangeiras.

Deveria voltar para casa depois de tal passeio? Não. Não haveria reparação ao que houvera committido. Nem os paes perdoariam a levandade, que menos os envergonharia, do que a pungría a ella. Quiz procurar, então, a amiga. A culpada de tudo. Mas para que? Não tinha ainda nenhuma affeição: Mario Novas.

Chorou durante uma semana, viu o quanto lhe custara a noite de carnaval, recordou a existencia de enlevo e benções que levava ao sequecho paterno, num ambiente de docilidade e affecto — e tanto mais recordava essa vida de hontem e que era como um passado delicioso que o tempo afastara para muito longe, quanto mais se expungia e se sentia abandonada e infeliz.

— Que salto dera numa noite a sua vida!

E como entre todas as soluções em que pensasse, inclusive as de atirar-se sob as rodas de um omnibus, afogar-se, beber lysol, nenhuma se lhe affigurasse capaz de redimir-a do erro praticado, entregou-se passivamente ao destino, cahindo de vez nos braços de Mario Novas. E já lá iam tres annos... Quiz fazer áquella mesma destino uma pergunta:

— De felicidade?

Silenciou, todavia. Ella era agora uma existencia inutilizada, que o mundo levava como entendida.

(Termina no fim do numero)

O espírito



Um eminente philosopho, Jules Gautier, escreveu que todo riso humano está no desvio que se forma entre a realidade de uma pessoa e a falsa concepção della mesma, á qual se prende.

Crear essa falsa concepção e saber conservá-la durante uma noite, é o que se chama espírito de mascarada. E que se muda em genio de mascarada, quando um Charles Chaplin emprega o comico para fantasiar a Poesia.

Existe creaturas honestas, nascidas sob o signo da beatitude e que, amparadas por um destino complacente, são protegidas toda a vida contra os perigos do monstro imaginação. Para ellas, o amor é symbolizado pelo casamento, o mobiliario pelo buffet Henrique II, a patria pela Liberdade, a Igualdade, a Fraternidade e o baile á fantasia por Pierrot dansando com uma Hespanhola de olhos negros. Ou-

tros, nascidos, sob um signo menos amavel, espiritos inquietos, e complicados, que não gostam de se collocar em Evidencia, e que se tornam com a idade, prestidigitadores, maniacos ou homens de Estado. São os que nos bailes á fantasia se disfarçam em aquario de peixes vermelhos ou em agulha de crochet. Suffocam debaixo da mascara, que os cega, a invenção os impede de dansar, mas convencem-se de que têm espirito.

Ora, o espirito da mascarada é um espirito que nem todos sabem ter. Muitos dos grandes homens são totalmente desprovidos e alguns até hostis. Tertuliano, Clemente d'Alexandria, São Cypriano, São João Chrysostomo, não sómente não possuíam graça para as fantasias, mais ainda, queriam interdictar todos os prazeres do Carnaval, que elles consideravam como uma volta perigosa ás bacchanas, saturnaes e lupercaes de satânica memoria.

Gracas á Deus, mudaram-se os

tempos em que se arruinava a alegria perseguindo os mascarados. Entretanto, não seria impossivel dar um baile á fantasia sem fantasias. Procurarse-ia em vão grandes genios ignorados, mas, em compensação se havia de encontrar muita gente que possue em alto gráo o espirito das fantasias e que ainda não percebeu isso.

Certas mulheres, ultimos refugios das modas cahidas no dominio publico, colleccionadoras de bagatelas em traje de gala, Herodiades de provincia e alguns novos messias de Monparnasse, transporiam sem retoques o limiar desses bailes, onde as bellas barbas perdem o sentimento da dignidade e parecem barbas postiças, de tal forma é certo que no meio da mentira a verdade fica indistinguível...

JEAN DE SELZ



da Mascarada

Todo baile á fantasia que não limita a escolha das roupas a uma certa época, é um elogio vivo do anachronismo. A chronologia é, como a chimica, uma sciencia que de anno para anno vae se complicando, o que permite aos amadores de anachronismos augmentarem o campo das suas explorações na poesia, nos films, nos bailes á fantasia.

A mistura dos estylos transforma um baile á fantasia num Kaleidoscopio em que cada movimento de dança produz singulares e muitas vezes agradaveis mudanças na Historia.

A escolha de uma época fornece a alguns occasião de se livrarem, por uma noite, das suas funcções, dos seus

(Desenhos de R. de Lavererie)...

habitos, do seu caracter. Não é raro encontrar entre a Epiphania e a Quarta-feira de Cinzas, conscienciosos paes de familia transformados, de repente, em grandes crianças turbulentas.

Ao lado do grupo Luiz XIII, orgulhoso da verdade historica, que se installou entre um chapéo castor com plumas e um par de botas lazarinas, colchas de lã esvoaçantes, um morango confuso, umas anquinhas, um casco á "Balagine" e algumas outras ninharias como candelabros, banlandraús, hungaras e lacaios. Junto com o gigo-lô Luiz XV e o sportman da Revolução franceza, a burguezia de 1890 entrou peremptoria.

Tão extranha aos nossos costumes como a "merveilleuse" do Directorio, a burguezia de 1890 nos commove mais. Com ella não são as lem-

branças historicas que entram no baile, e sim as recordações de familia, da nossa familia. Com ella a vida retorna ás mazurkas de Felix Faure, á bicycleta de Sarah Bernhardt e ao perfume "Doubles Violettes du Czar" que exhalam as rendas de chantilly e que fez bater os corações debaixo das sobrecasacas.

O espirito da mascarada é, em parte, um espirito conservador. Sabe nos fazer acceitar uma época e tudo o que a differença do nosso temperamento — que alguns chamam de progresso da humanidade — condemna e bane, desde o bigode e o cavanhaque conquistadores até ao espartilho.

E' pela apparição num baile á fantasia que as modas triumpham do esquecimento, voltam do exilio e passam do ridiculo á gloria.



Os gordos e os magros

Os maiores martírios desta vida estão reservados aos magros.

E a razão é bem simples. Os gordos têm um ar franco que inspira confiança. Se tiveram aborrecimentos e tristezas, não sabemos; a dilatação da pelle apaga as rugas. Se esvasiassem, causariam grandes surpresas, mas, cuidam-se bem. Por mais que pretendam invejar os magros, um obscuro instinto os adverte de conservarem prudentemente, o peso e o volume. E pelo peso e o volume continuam a gozar a reputação de benevolência.

Diz-se sempre de qualquer delles: "E' um bom gordo!" Não ha exemplo contrario. Nunca se pronunciou sobre nenhum, a phrase: "E' um mau gordo!" A idéa não accode a pessoa alguma. Os mais desconfiados, diante de um rosto de lua e de um ventre obeso, sentem-se envoltos numa especie de molleza e de abandono.

E, entretanto, existem gordos máos. Eu mesmo conheço. E, por serem raros, são mais perigosos. Agem com golpes seguros, sob a mascara rosada e intumescida. Se nos queixarmos de algum numa roda de amigos, contamos qualquer perfidia que nos tenha feito, haverá sempre quem replique: — Qual! Você exagera. Aquelle bom gordo é incapaz disso.

E ficamos com cara de quem está com mania de perseguição. E' preciso ser muito prudente quando se fala a verdade!...

Temos preconceitos estranhos. Acreditamos inoffensivos os seres lentos (as tartarugas, por exemplo, cujo bico cortante é perigoso quando se agarra á presa) e, terríveis as creaturas ageis. Como se só si pudesse ser despachado para o crime!... Os gordos movem-se com circumspecção;

não os concebemos capazes de praticar o mal.

Essa confiança unanime, que inspiram, traz-lhes, na vida, vantagens enormes. Vantagens que os magros só obtêm com luta incessante. A reputação de bondade de um magro soffre sempre restricções. Nunca é infatível. Quem diz "magro", na linguagem popular, diz, quasi automaticamente, doente do fígado, intratável, azedo, devorado de inquietudes e de ambição, mal dormido.

— Você está com boa cara! exclamamos para o magro que atravessa um periodo de melhora. O que significa:

— Espero que esta sorte inesperada vá acalmar o seu caracter.

Se volta ao estado normal, lamentamos como caso perdido.

A dança desfechou um, rude golpe nos gordos. Desde que ella se tornou moda, que elegeu o typo de elegante fino, magro, esbelto. O genero gigolô triumphou.

Os gordos se impressionaram muito com o phenomeno. Mas, creio que exageram, proclamando-se feridos. Que temem elles? Perderem o prestigio junto das mulheres. Pois bem, apesar da voga dos jovens pequenos e magros não perigam.

A moda é apenas nos dancings. A dança é uma coisa e o amor é outra. Aquella mulher que, por nada deste mundo, acceitaria de se exhibir num blue com um senhor corpulento, tolera, de boa vontade, as suas homenagens privadas e depressa se internecerá, murmurando a inevitavel formula:

— E' um bom gordo!

E o gracioso gigolô com a sua magreza e as suas roupas bem talhadas, e até o seu amor, será obrigado a desaparecer.



Palavras de Francis Miomandre



Desenhos de J. J. Roussau

Francis de Miomandre.





O BAILE MARAVILHOSO DO CLUB DE REGATAS BOTAFOGO
COM DECORAÇÕES DE MARCELLO ROBERTO

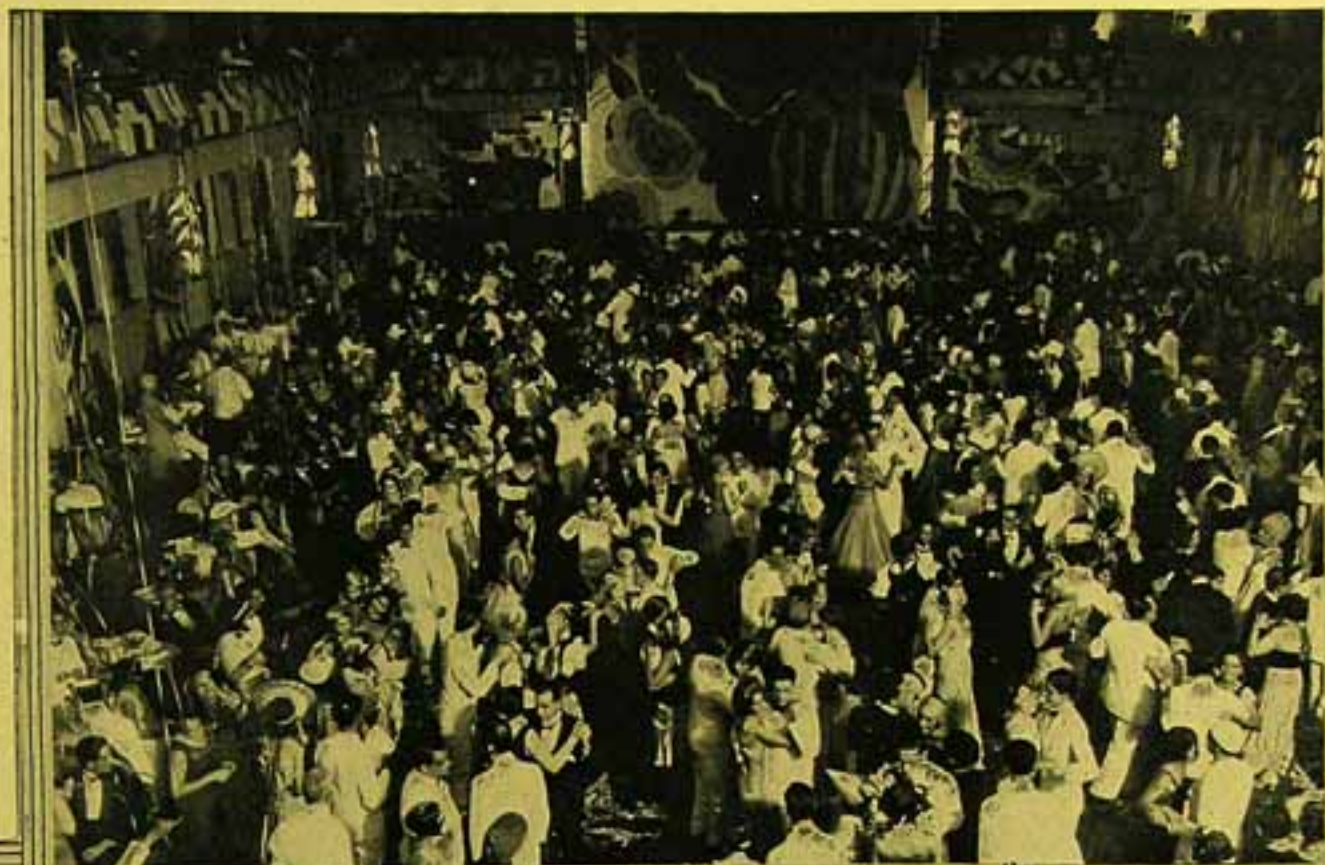
Esta reportagem feita especialmente para "Para todos...",
por Lafayette, continúa no numero de sabbado que vem.





NO
BAILE
DO
FLUMINENSE FOOTBALL CLUB

Photos
especiais
para
"Para todos..."



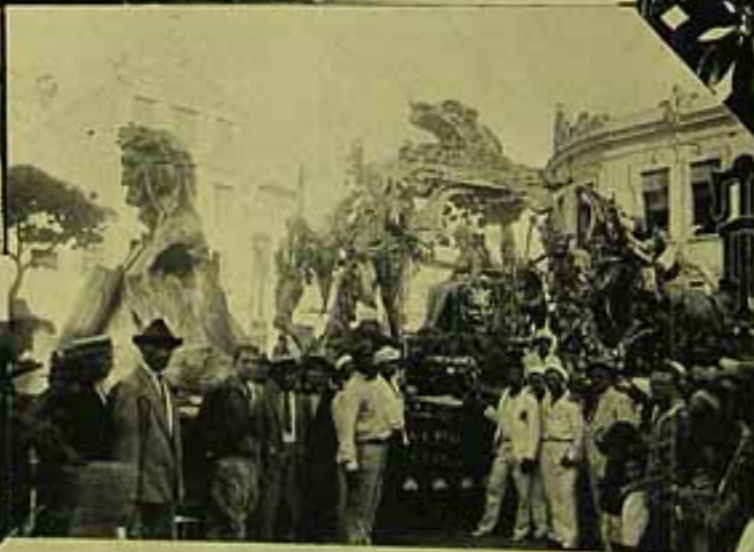
SEGUNDA-FEIRA
NOS
SALÕES
DO
FLUMINENSE FOOTBALL CLUB



Esta
reportagem
continua
sabbado que vem

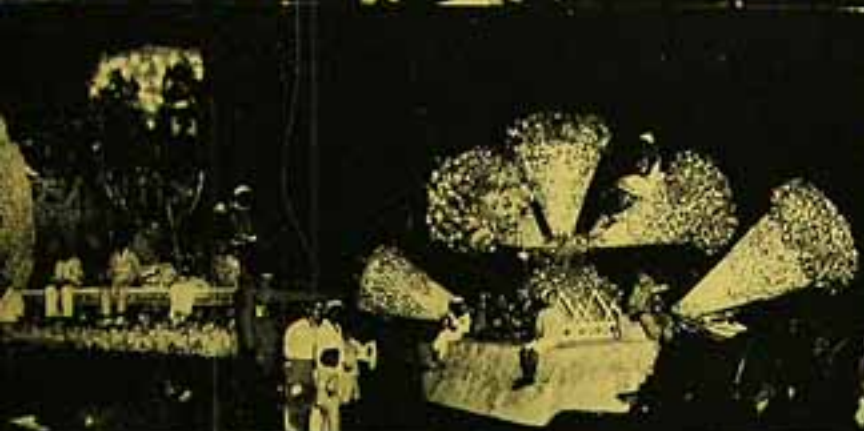
Um
baile
estupendo que
"Para todos..." relembra

ARNAVAL



Baile do Club de São Christovão, bailes infantis no Club de Regatas Botafogo e no Club dos Bandeirantes, baile no Gremio Onze de Junho e do Villa Isabel Football Club.

CARNIVAL



Carros dos prestitos dos Pierro Caverna, dos Democraticos, dos nentes do Diabo e dos Fenianos. a cidade applaudiu terça-feira, noite, noite gorda e noite bo

NAVAL



Em cima, á esquerda: senhorita Sara Pereira Bueno; á direita: senhorita Campos Salles; em baixo: senhoritas Luzita Pereira Pinto e Maria E. Cardozo Mello.

Photographias

de
R
O
S
E
N
F
E
L
D

No
Club
Commercial
de
São
Paulo



Em cima, à esquerda: senhorita Rosina Prudente de Moraes; à direita: senhorita Margot Duchon Avroux; em baixo: senhoritas Luizita P. Pinto e Maria E. Cardozo Mello.

Photographias

de
R
O
S
E
N
F
E
L
D



O
lindo
baile
da
Cruz
Azul



EM NICTHEROY

Bloco Ciranda-Cerandinha que foi uma das alegrias do Carnaval da cidade vizinha. — Baile á fantasia no Theatro Municipal em beneficio da Caixa de Escolas Oscar Fontenelle. — Baile no Club Central, elegantissimo. — Baile infantil no Club Central.





SECULO XVIII

(Quadro de Watteau que está em Berlim)

P A' D E C A L

ASSOMBRAÇÃO

Cera, rimmel, pomadas, parafina,
Talco, rouge, cilion... Mademoiselle
Gasta um dinheiro louco na surdina
Mas quando sáe, que seducção de pelle!

A bocca de morango se illumina,
O olhar provocador que não repelle,
Antes, em filtros magicos fascina
E ao delirio mais alto nos impelle.

Mas se pela manhã alguém surprehende
Mademoiselle em pyjama e sem cabelo,
Antes de restaurada... ó monstro! ó duende!

Corre gritando: que animal é esse?
Como se no pavor de um pesadello,
Um sacy-pererê lhe apparecesse...

A CHAUFFEUSE MAGNIFICA

Numa barata *bois-de-rose*, a cento
E cincoenta kilometros por hora,
Passa zunindo como um pé de vento
Aquella agitadissima senhora.

Não sei porque motivo ella devora
Distancias e distancias num momento:
Petropolis, S. Paulo, Juiz de Fóra,
Gallinhas mortas pelo chão poeirento...

Ninguém lhe escapa á furia destruidora.
Tanto tem de irrequieta e de atrevida,
Quanto de esperta e compromettedora.

Se anda assim, ha razão justificada:
De tantos homens que encontrou na vida
Tem de fugir... pr'a não levar pedrada.



UMA SENHORA



ÃO se importava com a aspereza do anno inteiro. Trabalho, trabalho e mais trabalho. O ordenado das empregadas era uma pouca vergonha que a policia devia pôr um paradeiro.

Não punha. Vivia mettida com a politica. Falta duma boa revolução!... Enquanto a revolução não vinha para botar a policia nos eixos, obrigando-a a endireitar as empregadas, fazia de criada: cozinhava, varria, cosia. Encerava a casa tambem, ar sabbados, depois que disseram pelo Radio ser hygienico e muito economico. — Economico? Então se encera mesmo.

O marido já estava acostumado áquellas resoluções. Metteu sobre o pyjama da Capital a gabardine cheirando a gasolina na golla e foi telephonar para a casa de ferragens, pedir duas latas de cêra — da boa, vê lá! — chorando um abatimentosinho na escova e na palha de aço.

Ella sempre para tudo. Graças a Deus era mulher forte. Sahira á mãe, que tambem fôra, morrendo velha de desastre, de desastre

domestico, uma chaleira de agua fervendo para o esculda-pés do marido, um coronel reformado, que lhe virou em cima do corpo.

Não se queixava. Não ia á cidade passear, não ia ao cinema, não fazia visitas (nem recebia), não ia a parte alguma.

Tratava ainda dos tres filhos, tres desma-sellados, que andavam na escola publica, Elcio, Elcía e Elcina, respectivamente quinze, quatorze e treze annos, o que attesta bem a força do marido e dá idéa o que seria depois de dez annos de casada, se depois da Elcina não tomasse as suas precauções.

— Não se esqueçam de dar lembranças a D. Margarida — aconselhava na hora da sahida, enquanto preparava o pão com goiabada da merenda. D. Margarida fôra sua amiga no collegio das Irmãs, uma bicha no francez, cearense, um talento! Mandar lembranças para ella equivalia a dizer: Olha que são meus filhos, Margarida; são os filhos da tua amiga Quinota...

E os exames estavam perto com premios de cadernetas de Caixa Economica dados pelo Prefeito, ridicularizado pelos jornaes opposicionistas, elogiados pelos do governo — a

"Folha" dizia que era gesto de Mecenas — mas enfim fartamente annuciado em todos os jornaes para incentivo da meninada estudiosa. Ella queria ser mordida por um macaco se não arranjasse tres cadernetas para casa. Os filhos é que não faziam fé.

Bordava pra fóra, cuidava do Joly, o bichano pra sujar a casa era um desespero, e so-brava tempo ainda para ter ciumes do marido com as vizinhas, principalmente D. Consuelo, uma descarada, é certo, mas muito chic, confessava.

No Carnaval tirava a forra

As economias accumuladas sahiam do Banco Popular juntas com os juros. Não ficava nada. Mettia-se numa fantasia de bahiana e inundava a capota do automovel com seus oitenta e cinco kilos honestissimos. As meninas iam de bahianas tambem, menos saias, mais berloques. O menino de pierrot, cada anno de uma côr, porque não é para outra cousa que o dono do Tintol gasta aquelle dinheirão em annuncios. Tirava do cabide a casaca do casamento, deseseis annos por isso, (como o tempo corre!) dava um geito nas manchas:

— No automovel ninguém repara, meu

filho, dizia com um sorriso, ora para a casaca, ora para o marido, que se traduzia: lembra-te? — Elle então, com uma faixa vermelha na cintura, brincos em forma de argola pendentes das orelhas demasiadas, enfiava na cabeça um turbante de seda branca com perolas em profusão e ia em pé no carro de rajah diplomata.

No terceiro dia, graças a Deus não choveu em nenhum dos tres, perguntava pro marido:

— Quanto temos ainda?

Elle remexia a carteira, (bolso de casaca é uma coisa encrascada) fura-bolos trabalhava na lingua e cantava a quantia:

— Duzentos e oitenta.

— E os oitocentos do automovel?!

— Já estão fóra.

— Ah! bem...

Para fazer contas no ar era um assombro.

— ... pôde gastar mais cento e cinquenta.

O resto ficava para gastar depois do Carnaval — mas entrava na verba delle — com o figado do marido, porque depois da pandega, (a experiencia de D. Quinota é que falava) seu Juca tinha rebordeas, vomitos biliosos, uma dôr do lado damnada, de tanta canseira, tanta serpentina e tanta cerveja gelada.

Não faz mal. Não fazia não. A vida era aquillo mesmo: tres dias — falava. Mas pensava: por anno.

Podia dizer mas não dizia. Deixava ficar lá dentro. O "lá dentro" de D. Quinota era uma coisa complicada, complicadissima, que ninguem comprehendia. Só ella mesma e o marido ás vezes.

Desciam do automovel á porta da casa quando o vizinho veio vindo com o rancho da filharada.

— Brincaram muito? fez seu Adalberto com um geito de despeitado.

— Assim-assim...

D. Quinota dizia aquelle "assim-assim" de proposito. Que lhe importava os outros saberem se ella

tinha gosado ou não? Quem gosava era ella. Mas gostava de ficar deliciando-se por dentro com a alegria dos vizinhos: assim-assim... Ah! Ah! Ah!

Seu Adalberto exultava:

— E' isso mesmo. Faz-se despesas enormes (e D. Quinota sorria) e não se diverte nada. (D. Quinota olhava pro céu). E' sempre assim. Pois olhe: nós fomos a pé mesmo. Estivemos ali na Avenida, na esquina do Derby, apreciámos o baile do Club Naval, muita fantasia rica, muita, vimos perfeitamente as sociedades, tomamos refrescos, brincamos a grande. Não foi?

As mocinhas fizeram que sim, humilhadas, mas os gurus foram sinceros.

— Aquelle carro do girasol que rodava, hein papae?

Seu Adalberto corrigiu logo.

— Girasol não, Arthur, crisanthemo.

Depois que corrigiu ficou azul, sem saber ao certo se era crisanthemo ou crisantemo. Quer vêr que eu disse besteira?

Seu Juca não havia meio de encontrar o raio da chave. Esses bolsos de casaca!...

— O anno que vem, D. Quinota falou firme, nós iremos tambem a pé.

O marido até se virou. Ficou olhando espantado. — Que diabo é isto? Ia perguntando.

Por um triz que não perguntou mesmo. Mas ficou assim... Compreendeu? Parece... Esta Quinota!...

Foi quando seu Adalberto evidentemente mortificado, se refez e sentenciou como experiente na coisa, apesar de nunca ter entrado num automovel pelo Carnaval: E' melhor mesmo.

A tribu samiu pela porta do 37. A maçaneta fechou por dentro. Torresco-Torresco. Agora foi a chave: duas voltas. O pigarro de seu Adalberto, ainda com o accento do crisanthemo a fuzilar-lhe na cabeça, veio até cá fóra se misturar com um resto de choro, pandeiros e chuchalhos, do bonde que passava mais longe. Passos apressados no fundo da rua. O burro do inglez estava na janella do appartamento fumando pira lua. D. Quinota ficou olhando-o um pouco, depois cerrou a porta bem e fixou o marido que dava por falta dum brinco: — Que cretinos!

Seu Juca parou no meio do corredor, pernas abertas, o turbante nas mãos e esperou mais. Mas D. Quinota era hermetica. O resto ficou lá dentro onde ninguem ia buscar,

porque o marido, o unico interessado na occasião, mais morto do que vivo, preferiu tirar o collarinho e a casaca.

D. Quinota atirou-se na cama escangalhada e feliz, só accordando na quarta-feira de cinzas ao meio-dia. Quando o resto da familia se levantou o almoço (feito por ella) já estava na mesa, e D. Quinota desesperava porque tinha lido no Jornal do Brasil que foram os Fenianos que pegaram o primeiro premio, quando todo mundo viu perfeitamente que só o carro-chefe dos Democraticos...



A CASA E OS BRINQUEDOS DE SANTA THEREZINHA



A vivenda chamada dos Buissonnets, em Lisieux, da família de Santa Therezinha, em que ella passou a infancia e a adolescencia, cuidando das primeiras rosas.

visitar os logares em que viverem, nos obrigam a entrar em grutas, atravessar desertos, subir a montanhas, pelo menos percorrer humidos corredores de prisões e conventos

Os Buissonnets são rodeados de um jardim e de um pequeno parque. O jardim em que Therezinha brincava. Os gramados por onde ella corria. Nos fundos, ha um caramanchão com o pequeno altar em que ella fazia todos os annos um ingenuo presepio. Ha arvores e arbustos do tempo della. Escondido, entrego-me a esta commoção de furtar folhas, apezar das placas insophismaveis: "E' prohibido tocar nas plantas". Aspiro, deliciado, este ar brumoso de Lisieux, no jardim de Santa Therezinha. Esta hera que sóbe pelo caramanchão, por exemplo, foi plantada pela santa. A seiva que corre pela trepadeira existe porque a Santinha, ha muitos annos, fez um gesto: cobriu de terra um pequenino galho. Pensando estas doces cousas, vou guardando as folhas furtadas.

No jardim de Santa Therezinha, entre as roseiras e as glycínias que na primavera proxima se cobrirão de flores, fico de repente com o coração a bater, atraz do tronco de um salgueiro-chorão, a enfiar apressadamente no bolso os punhados de folhas: como si assaltasse uma joalheria. Depois, quando a filha do guarda dos Buissonnets, fazendo tricô, passou perto de mim — estava desconfiada da minha demora entre os arvoredos — fiz um ar amavel, de contemplativo. Disfarcei:

— Delicioso isto, mocinha!

Ella fez que sim com a cabeça e passou. Tinha uma bocca vermelha, o labiozinho pendente, no esforço da attenção applicada ao tricô. Tive uma vontade aguda de provar o gosto daquelle labiozinho pendente. E murmurei, consciente da minha perdição irremediavel:

— Desgraçado! O inferno espera-te.

Estive sentado no pavilhão do jardim, em frente á casa. Meditei um quarto de hora na modernidade deste culto. Santa Therezinha é a santa por excellencia dos nossos dias. Outros santos, si quizermos



Therezinha, menina e moça, roga ao pae permissão para entrar para o Carmelo. Esse monumento, em marmore, foi erguido no mesmo lugar em que a Santa fez o pedido, no jardim dos Buissonnets.

lobregos, descer a catacumbas. Santa Therezinha offerece-nos uma casa bonita, uma casa em que a gente deseja morar. Os Buissonnets têm todo o conforto moderno. Falta apenas uma gara-

ge. Casa de campo de um rico armador de Honfleur? De um negociante de cidra de Cherbourg? Ou simplesmente o retiro discreto de um general aposentado, após dez annos de campanhas numa colonia da Africa? Vivenda burgueza que evoca irresistivelmente um rendimento tranquillo, um juro razoavel...

Distrahido, eu olhava a fachada, imaginando o vulto de Maria Francisca Thereza Martin a surgir debruçada a uma janella, a apparecer numa porta, recriminando, risonha, o jardineiro...

A filha do guarda, com o tricô infinito, estava diante de mim outra vez.

— Não quer visitar os Buissonnets por dentro?

O labiozinho mexeu uma porção de vezes, dizendo isso.

Está como no tempo da família Martin. Entra-se pela antiga cozinha, em baixo, agora transformada em vestibulo. A velhota, mulher do guarda, exclama lá de dentro:

— Onde é que você poz o alpiste dos canários?

— Um momentinho, perdão...

A mocinha do tricô, que vae mostrar-me a casa toda, sabe para ensinar á mãe onde está o alpiste dos canários. A família, que toma conta dos Buissonnets, mora no rez-do-chão. Essa actividade domestica enche de vida a chacara, que sem isso ficaria triste como um museu. Vem de lá de dentro um arrastar de cadeiras, um cheiro de comida na panella e o miado lamentoso de um gato. O meu guia voltou emfim.

Subimos aos compartimentos princi-



Os fundos da chacara dos Buissonnets, entre arvoredos.

paes, no primeiro andar. A sala de jantar tem uma paz de família. Parece que a meza e as cadeiras esperam as pessoas

Essa gente hoje está tardando...

(Termina no fim do numero)



Concurso Internacional de Belleza

São photographias tiradas no salão de festas d' "A Gazeta", de Casper Libero, e nellas estão as paulistanas mais bonitas de todos os bairros. Uma dellas ha de ser "Miss São Paulo". No centro, as senhoritas Dulce Lepage, segunda da Consolação; Neyde Xavier, primeira de Santa Ephigenia, e Jahir Miranda, primeira do Cambucy.



As mais bellas de São Paulo



E' sem duvida encantadora a tarefa para esta pagina. São lindas as creanças com quem se lida, interiores artisticos que se conhece, é com diferentes moldes de intelligencia, de pontos de vista que se tem jogar, procurando, com o auxilio da memoria, trazer o mais fielmente possível o que se ouviu, relatar, como impressionista, o que se admirou. Não ha asperezas no trabalho. Ha, apenas, o receio de se não transmitir palavra por palavra o conceito de outrem. Isso mesmo tem a sua desculpa. Não é da mesma maneira que dois julgadores julgam a mesma causa, e não sei bem onde li, mas li, que cada creatura, cada universo de idéas.

Deixo, porém, isto, que se vai tornando longo e pretencioso. O caso não é para philosophias e sim a palestra com uma artista de fama mundial, senhora de alta representação mundana. E' Gabriella Bezanson Lage, o contralto que tem assombrado todas as platéas cultas do velho e do novo mundo, da Europa civilizada e das Americas. E' desta mulher fina e culta, que recebe com fidalguia e vive num ambiente espiritual de arte como num artistico ambiente material que é o seu palacio de Laranjeiras.

Laranjeiras e Botafogo contam, por excellencia, com ruas em que as residencias têm aspecto essencialmente senhorial. São as bellas casas de grandes jardins, ensombradas de arvores, canteiros floridos e pesadas grades de ferro separando-as da rua.

A de Gabriella Bezanson Lage é na rua das Laranjeiras, bem proximo á Guanabara onde fica a residencia presidencial.

Que pensa dos vestidos compridos?

Uma escada de marmore e logo uma grande porta de bronze abre para mais alguns degrãos também de marmore branco, e, imenso, guarnecido de fôfas poltronas e grandes sofás forrados de veludo de seda, tapetes e objectos de arte, como estatuetas, quadros, mesas de fino lavor, quadros devidos a modernos pinceis e ainda quadros antigos e de consagrados pintores, almofadas, o "hall" é confortável e luxuoso. Ao fundo, na forma de arco da parede que sobe, murando degrão por degrão a escada que dá accesso ao primeiro andar, uma porta de bronze de muito trabalho, separa uma pequena sala mobiliada com elegancia. A' direita, a sala de recepção e musica, toda dourada, e bellas cortinas de rendas verdadeiras. A' esquerda, aberta, também por larga porta para o "hall", que é a peça central, o salão de jantar, severo e principesco com os seus moveis antigos. A senhora Bezanson é, além de amavel, muito simples. Recebeu-me vestida de crêpe branco, um vestido moderno, elegante, que lhe descia alguns centímetros abaixo dos joelhos, enfeitado apenas de pequenos babados plissados e orlados de azul, como o collar que lhe pendia do pescoço.

— Noto que aprecia os vestidos compridos...

— Adoro-os — respondeu, numa expressão de enthusiasmo a grande artista. — Já estávamos cansadas, nós, as mulheres, dos vestidos curtos.



Senhora Gabriella Bezanson Lage na sua sala de estar.

Nunca lhes achei graça, nunca me senti bem num desses blusões fôfos e saias de cincoenta centímetros.

— Optimo. Está, pois, radiante com a innovação?

— Principalmente á noite. Quanto aborrecimento quando precisava de me vestir para uma recepção ou para o theatro! Aquellas couraças pejudas de vidrilhos, curtas pelos joelhos, inestheticas, davam-me a impressão de ligadura. Concorda commigo?

— Colho a sua opinião...

Neste interim chega o photographo. Pedi-lhe, então, algumas "poses" no esplendido scenario da sua casa. Acquiesceu promptamente, comtanto que lhe permitisse alguns instantes, ia mudar de vestido. Não tardou a surgir de novo, ainda simples, mas muito elegante num vestido de crêpe estampado de preto e branco, collares de perolas ao pescoço, argolas de perolas, meias cor de carne e sapatos de verniz com incrustações de "lézard". Foi, então, que se sentou no sofá do centro do "hall", para o primeiro retrato. Num gesto de amavel requinte quiz ser photographada lendo o "Para todos...". Sorrimos uma para a outra num sorriso de agrado e de sympathia. Depois, lhe pedi uma "pose" no salão principal. Postou-se ao lado do retrato da sogra. Enquanto a chapa estava em preparo, approximei-me do piano onde estavam retratos de reis e principes, figuras de destaque e de repercussão universal que enalteciam os predicaos da notavel artista, em expressivas dedicatorias.

— A sua impressão do rei de Hespanha?

— A melhor possível. E sabe que é homem de rara energia?

Colloquei o quadro de onde o tirara e tomei o da rainha da Hespanha. E a senhora Bezanson Lage disse:

— E' das mais bellas mulheres que tenho conhecido.

— Que pensa de Mussolini?

— O que pensa toda a gente: uma vontade inquebrantavel, a expressão positiva do poder.

— Mussolini quer que as italianas só vistam roupas compridas e não desnudem braços e collo. Foi elle quem principiou a campanha contra as pernas de fóra... E Primo de Rivera?

Perdera-se a pergunta, porque o "magnesium" ia entrar em scena. Passámos, depois, á sala de jantar, onde elle se prestara a mais uma photographia. Terminada esta, sentámo-nos um instante a palestrar. Foi, então, que Gabriella Bezanson me falou de quanto ama o Brasil:

— Sempre admirei o Rio de Janeiro, que é, sem duvida alguma, o mais bello panorama do mundo. E ainda não pensava de casar, quando tinha em mente residir aqui, no inverno, embora passasse o resto do tempo a cantar, desobrigando-me de contratos.

— E os brasileiros?

— Muito intelligentes. affaveis. Mas ainda ha muito que fazer pelo en gran de ci men to desta terra maravilhosa.

— Principalmente no que diz respeito á alphabetização, ao theatro, á educação artistica...

— Tem razão — tornou ella. — E até pensei em construir um grande theatro com escola de dança, de musica e de cultura phisica, para o povo principalmente, e espectaculos a preços populares, a preços de cinema. Sabe que a pessoa da mais modesta condição, aqui, não prescinde de ir ao cinema uma ou duas vezes por semana. Não vai ao theatro, naturalmente porque não lhe está ao alcance



Recanto da sala de visitas
 NA BELLA VIVENDA DA RUA DAS LARANJEIRAS
 Recanto da sala de jantar

da bolsa. No Municipal só os abastados...

— Ou os que se sacrificam...

— E' verdade. Mas o povo não pôde frequentar o Municipal, e fica desconhecendo a boa musica, porque não pôde gastar mais que uns parcos mil réis. Seria uma bella realização

Notel-lhe as unhas escarlates, de um escarlate vivo.

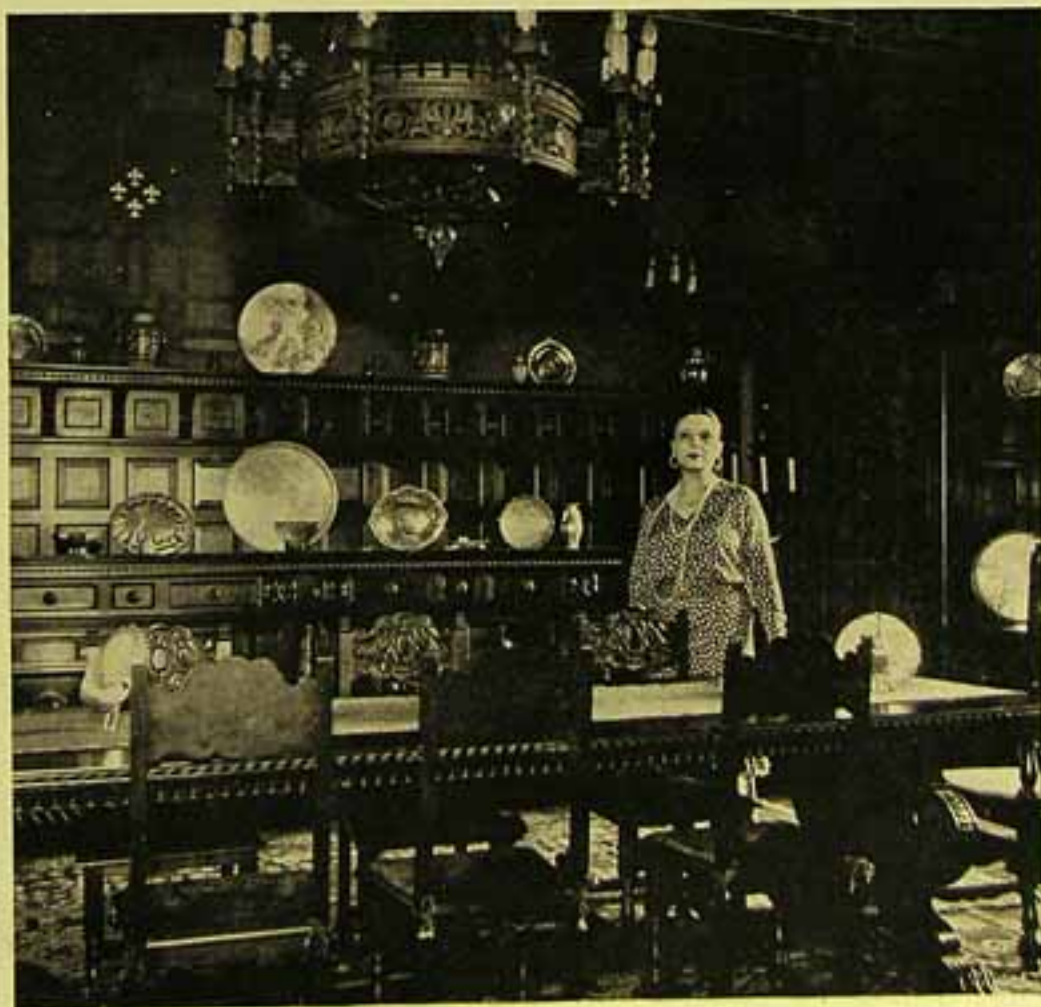
— Estão de uso, na Europa, para a tarde e para a noite. Pela manhã seria, tal moda, de muito máo gosto. Tanto que não tinjo as minhas senão á hora própria, e com um preparado que obtive por meio de amiga que veio de Paris — disse a senhora Henrique Lage.

Tambem percebi que ella está deixando crescer os cabellos, já os prende no peçoço num feitiço de coque muito gracioso, e, á frente, abre-os ao meio, penteando-os muito lisos para traz das orelhas.

— Pois é, tenho a coragem de deixar crescer os cabellos.

Quasi cinco horas. Chegavam algumas visitas. E, apesar da delicada insistencia de Gabriella Bezanson Lage, sahí. Estava terminada a entrevista, mas ficára palpitante, viva, a impressão admiravel que ella me fizera.

ALBA DE MELLO.





Carro chefe ■

Bando do Rio Vermelho

■ Um dos carros

N A B A H I A

C
A
R
N
A
V
A
L



R
E
G
A
T
A
S

Um grupo de torcedoras durante as ultimas regatas, em 16 de Fevereiro; em baixo, duas das guarnições vencedoras.





Luciano Gallet.

A nossa penultima chronica, commentando e applaudindo a resolução municipal, que prohibiu a execução continua de discos, a titulo de reclame, no centro da cidade, ecoou desagradavelmente entre os negociantes do genero, mas em compensação, valeu-nos por uma infinidade de felicitações de pessoas, como nós, interessadas na cultura da boa musica, infelizmente cada vez mais decadente entre nós.

Preliminarmente, devemos dizer que o aborrecimento dos commerciantes de discos não nos impressionou em absoluto. Afinal, elles são os únicos culpados da reacção municipal, porque abusaram incrivelmente da paciencia alheia. Estão, portanto, pagando a propria imprevidencia e arcando com as respectivas consequências.

Quanto aos applausos que recebemos pela nossa attitude, devemos confessar, que, igualmente, não nos surpreenderam, pois que tinhamos, como temos a certeza de que o nosso protesto, como a nossa revolta, nada mais foram do que um reflexo da revolta e do protesto de todo o meio musical, onde os cultores da boa musica apreciam a decadencia da sua arte predilecta, sem, no fim de contas, ter para quem appellar.

Por isso mesmo, nos animamos a voltar ao assumpto, numa tentativa de reacção, que talvez ainda chegue a tempo de produzir os seus efeitos.

Sabe-se bem que as artes em ge-

MUSICA

ral, no Rio de Janeiro, atravessam um periodo agudo de crise, que não se sabe quando terá fim.

Mas em nenhuma dellas a crise foi tão forte nem a decadencia tão vertiginosa, como na musica, mercê da infiltração da musica popular, que a tudo vinha avassalando assustadoramente.

O maior culpado disso era, indiscutivelmente o commercio de discos. De manhã até a noite a musica popular dominava na cidade, propagando-se por toda parte, viciando os ouvidos da população, corrompendo o bom gosto do publico — e isso unicamente porque o negociante de discos, dominado exclusivamente pelos seus interesses commerciaes, não tinha tempo de reflectir no grande mal que estava fazendo para toda esta cidade.

Não era, porém, elle, o unico culpado da nossa decadencia em materia de musica. O commerciante de discos tinha, como tem, cúmplices, nessa obra nefasta de destruição do bom gosto musical da população carioca. Esses cúmplices são as sociedades de radio, que estão desvirtuando completamente os intuitos para os quaes devem ter sido fundadas. O radio como fonte de propaganda, ou é muito bom, ou muito máo.

Assim, a musica encontrou nelle o mais efficaz elemento que poderia

J. Octaviano



Lorenzo Fernandez

desejar, para sua divulgação. Infelizmente, porém, entre nós, o radio deixou-se avassalar pela onda do mau gosto, e desvirtuou completamente os seus fins.

Não ha nenhum exaggero nessas palavras. As nossas sociedades de radio fundaram-se com intuitos educativos. Ellas, entretanto, são as maiores divulgadoras da musica popular, e ninguem dirá que, divulgar musica popular constitua tarefa artistica que recomende a ninguem.

Isso prova que as nossas sociedades de radio estão completamente desorientadas no seu programma. A qualquer hora do dia, da tarde ou da noite, que se ligue um receptor, ter-se-á sempre, invariavelmente, a mesma decepção. A musica que se ouve, quando não é o maxixe é o tango argentino — indesejavel na propria Argentina — quando não é o fox-trott. A boa musica só interessa ás nossas sociedades de radio numa proporção de cinco por cento, e isso mesmo de uma fórmula toda especial. Effectivamente, sómente em alguns dias da semana, as sociedades de radio organisam o que ellas chamam "programmas do studio", mas esses mesmos só começam ás 9 1/2 da noite, isto é, quando já quasi toda gente pensa em ir dormir...

Fóra dahi, o que se ouve é o samba, o fox-trott, o tango! Ha occasiões em que é inutil procurar. Passa-se de uma estação para outra, sem que nenhuma se salve!

(Termina no fim do numero)



De Elegância



AGORA é que parte? Supportou os meses mais quentes só para

os folguedos do carnaval. Brincou muito, dançou demais. Vestiu-se de "pierrette" e namorou um "apache"; trajou-se de dama nobre da corte Luiz XIV e ficou encantada com os galanteios de um turco; numa fantasia de oriental, seduziu um marinheiro e fez ciúmes a um rato branco; depois, no último dia, andou a intrigar conhecidos e desconhecidos num dominó de seda escarlate; à noite foi a mais admirável "merveilleuse" que apareceu nos salões do hotel P., e, mais tarde, naquela baile onde as meninas de família como você, bailam e flirtam sob a protecção de minúscula máscara de seda preta, um "loup" tão tamanho de uma pollegada, dançou a farta.



Quarta-feira de Cinzas!

Foi à missa, ainda tonta de sono, e tratou de preparar as malas para a villegiatura. Elegante como é, arrumou uma série de vestidos leves e alegres, claros e encantadores. Lá em cima, na serra, a vida ao ar livre requer a exibição de muitos vestidos. Na praça, para as conversas matinaes, no tennis, nos chás, nos almoços, nos jantares, nas correrias de automóveis, tão na moda agora que as estradas favorecem tal sport, tres ou quatro vestidos não bastam. Muitos e variados, como também os de noite, para concertos improvisados, assustados ou mesmo bailes previamente anunciados. Vida movimentada, muito mais que a daqui. O clima beneficia taes folguedos. Dahi a impressão de que não existe cansaço. Assim, fez muito bem em levar o vestido de crêpe da China estampado de rosa e preto, gola e punhos de musselina rosa que também fôrta a pequenina capa cortada em fôrma; o "ensemble" de crêpe marroquino branco; o vestido de crêpe da China preto e blusa estampada de branco; e o "manteau" de "drap" preto como complemento, para dias mais frios; muito "chic" e original o vestido de crêpe setim cinza feito do lado brilhante e incrustado do lado fôsko da fazenda; o



saia de "schantung" verde gaxofa e blusa de crêpe verde malva; "tailleur" de tweed "beige" e havana; vestido de crêpe branco guarnecido de pregas; um vestido de crêpe da China "beige" rosado e outro turquesa muito moderno com o feitiço dos franzidos; um gracioso vestido de "jersey" vermelho e "beige" . . . Não ficou somente nisso: mais vestidos de dia, muitos para a noite, mais um costume de "tweed" para dias de chuva; lenços, "écharpes", bolsas muito trabalha-



de georgette preta, todo plissado e orlado de "renard" cinza brilhante; crêpe da China limão, cin-

to de camurça havana, da mesma cor da capa guarnecida de astrakan na gola e nos punhos;

das, chales, capas, chapéus, uma infinidade de chapéus. . . Até parece que você se muda de vez.

Ninguém suporá que, em meados de Abril, voltará para a "saison" daqui, a "saison" da Avenida, da Ouvidor, do "cocktail", das recepções, e da esperança que venha para o Municipal alguma companhia que faça lem-

brar ao carioca que teatro ainda existe. . .

Silhuetas elegantes: nos salões de A. Fadigas

Além dos figurinos de vestidos: biombo da princesa Jean-Louis de Fancigny-Lucinge, representando, em pintura, uma



feita veneziana; e outro biombo também pintado, num canto do quarto da condessa de Polignac.

SORCIÈRE

T
R
A
G
E
S

B
O
N
I
T
O
S

P
A
R
A

A

P
R
A
I
A



Maillots, pyjamas, outras fantasias. O carnaval passou. O calor ficou. Quem foi para a montanha deixou as meias no Rio. Quem foi para a praia não fez vestidos...

Um livro de originalidade e beleza...

CENTENAS DE
PHOTOGRAPHIAS
INEDITAS !

■
TRICHROMIAS
EM QUE A ARTE
RIVALIZA COM
A BELLEZA...

■
O MAIS LUXUOSO
ANUARIO DO
BRASIL

■
PREÇO NO RIC:

8\$000



■
TODO O KLEN-
CO CINEMATO-
GRAPHICO
BRASILEIRO !

■
DEZENAS DE
PHOTOGRA-
FIAS COLO-
RIDAS E EM
GRANDE FOR-
MATO...

■
ESGOTADO
EM 5 ANOS
SEGUIDOS

■
PREÇO NOS
ESTADOS:

9\$000

Thelma Todd

e outras loubas que entontecem numa edição de luxo.

CINEARTE - ALBUM PARA 1930

Se não ha jornaleiro em sua terra, envie-nos immediatamente 9\$000 em dinheiro, em carta com valor declarado, cheque, vale postal, ou em sellos do correio, para que lhe remetamos um exemplar desta publicação sem igual.

A' venda em todos os jornaleiros

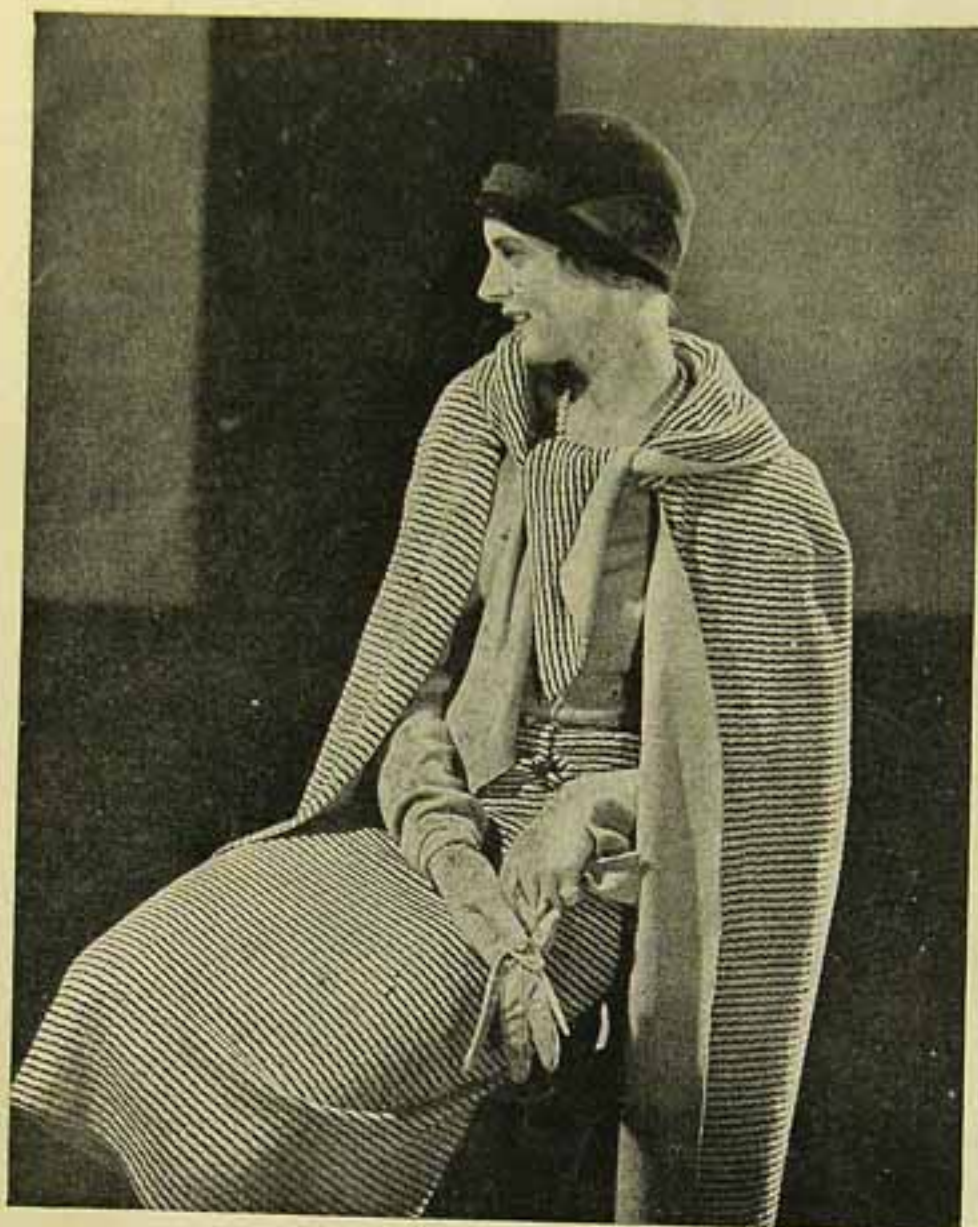
P e d i d o s á

S O C I E D A D E A N O N Y M A " O M A L H O "

Travessa do Ouvidor, 21

Rio de Janeiro

Para as que veraneiam na serra



Frequentemente chove nas cidades serranas, como no norte, em determinada cidade chove às duas horas, o que dá lugar ao: "até depois da chuva"... E ahí está um modelo elegantíssimo em "Qtwold-jersey", a fazenda de successo no inverno, na Europa. O referido modelo em havana listrado de "beige" e forrado de "jersey" azul vivo do que é feita a blusa. Feltro verde e lavas "beige".

Cinzas

(FIM)

Tinha tudo e de tudo necessitava. A lembrança do lar em que nascera, se creara e educara em tão bons princípios e cercada de tanto amor, cortava-lhe a alma como aculeos em braço. E não sabia explicar como e porque da noite para o dia mudara tão imprevisivelmente, a face da sua vida... E repetiu, vendo no espelho límpido e oval do guarda-casaca que as lágrimas humedeciam os seus olhos verdes:

— Sua vida...

Vida fôra a que ella gosara antes— antes daquela noite de Carnaval.

— Cinzas de vida, é que era.

E rolou na cama outra vez, chorando perdidamente.

CARLOS RUBENS

M e i a s CASA STEPHAN



Só as da
CASA
STEPHAN
nos preços, qualidade e variedade. Só vendemos Meias perfeitas e garantidas. — Rua Uruguayana, 12.

Para o interior, os mesmos preços da capital.

ONDULAÇÃO PERMANENTE



ULTIMO PROCESSO

PREÇOS DIVERSOS

A única garantida por oito mezes

Tinturas e ondulações em geral



Córtes de cabelo recentemente chegados de Paris, e executados pelo CABELLEIREIRO BOTELHO
SALÃO BOTAFOGO, rua S. Clemente nº. 36.

Telephone: Sul 1504

Para a cutis

Leite de Colonia

fazendo desaparecer
PANNOS - MANCHAS
SARDAS - ESPINHAS

LIMPA ALVEJA AMACIA A PELLE

Nas Pharmacias,
Perfumarias
e Drogarias



COMO CONSERVAR O CABELLO EM BOM ESTADO

Não importa que o seu cabelo seja ruivo, negro, castanho ou de cor vermelha. Se querê-lo conservá-lo abundante brilhante e em boas condições geraes deves cuidá-lo continuamente. Muitas senhoritas descuidam por completo o seu cabelo, crendo que mesmo assim elle sempre parecerá bem. Isto é absurdo. Vou dizer-lhes como eu trato o meu cabelo. Antes de tudo, não deixo de escovar o nem uma noite, por mais cansada que me sinto. Depois, cada duas semanas, lava-o bem, usando para esse fim uma colherada de stailax granulado dissolvido em agua quente, enxuga-o bem, depois, e seccando-o com toalha quente. O resultado é simplesmente maravilhoso.

A Causa Secreta (FIM)

Fortunato cortou-a muito devagar, acompanhando a tesoura com os olhos; a pata cahiu, e elle ficou olhando para o rato meio cadaver. Ao descel-o pela quarta vez, até á chamma, deu ainda mais rapidez ao gesto, para salvar, se pudesse, alguns farrapos de vida.

Garcia, defronte, conseguira dominar a repugnancia do espectáculo para fixar a cara do homem. Nem raiva, nem odio; tão sómente um vasto prazer, quieto e profundo, como daria o outro a audição de uma bella sonata ou a vista de uma estatua divina, alguma coisa parecida com a pura sensação esthetica. Pareceu-lhe, e era verdade, que Fortunato havia-o inteiramente esquecido. Isto posto, não estaria fingindo, e devia ser aquillo mesmo. A chamma lá morrendo, o rato podia ser que tivesse ainda um resíduo de vida, sombra de sombra; Fortunato aproveitou-o para cortar-lhe o focinho, e pela ultima vez chegar a carne ao fogo. Afinal deixou cabir o cadaver no prato e arredou de si toda essa mistura de chainusco e sangue.

Ao levantar-se deu com o medico e teve um sobresalto. Então, mostrou-se enraivecido contra o animal, que lhe comera o papel; mas a colera evidentemente era fingida.

— Castiga sem raiva, pensou o medico, pela necessidade de achar uma sensação de prazer, que a dôr alheia lhe pôde dar: é o segredo deste homem.

Fortunato encareceu a importancia do papel, a perda que lhe trazia, perda de tempo, é certo, mas o tempo agora era-lhe preciosissimo. Garcia ouvia só, sem dizer nada, sem lhe dar credito. Relembra os actos d'elle, graves e leves, achava a mesma explicação para todos. Era a mesma troca das teclas da sensibilidade, um diletantismo "sui generis", uma redução de Calligula. Quando Maria Luiza voltou ao gabinete, dali a pouco, o marido foi ter com ella, rindo, pegou-lhe nas mãos e falou-lhe mansamente:

— Fracalhona!

E voltando-se para o medico:

— Ha de crer que quasi desmaiou?

Maria Luiza defendeu-se a medo, disse que era nervosa e mulher, depois foi sentar-se á janella com as suas lãs e agulhas, e os dedos ainda tremulos, tal qual a vimos no começo desta historia. Não de lembrar-se que, depois de terem falado outras coisas, ficaram calados os tres, o marido sentado e olhando para o tecto, o medico estalando as unhas. Pouco depois foram jantar; mas o jantar não foi alegre. Maria Luiza scismava e tossia; o medico indagava de si mesmo se ella não estaria exposta a algum excesso na companhia de tal homem. Era apenas possível; mas o amor trocou-lhe a possibilidade em certeza; tremeu por ella e cuidou de os vigiar. Ella, tossia, tossia, e não se passou muito tempo que a molestia não tirasse a mascara. Era a typhica, velha dama insaciavel, que chupa a vida toda, até deixar um bagaço de ossos. Fortunato recebeu a noticia como um golpe; amava deveras a mulher, a seu modo, estava acostumado com ella, custava-lhe perdê-la. Não poupou esforços, medicos, remedios, ares, todos os recursos e to-

Quando elle recobrou os sentidos, estranhara o local em que estava deitado. Não parecia uma enfermaria, não; não era numa cama que dormia. As pedras, em mármore branco, aqui, ali, acolá, despertaram-lhe mais os sentidos... E os cadaveres, um... dois... tres... fizeram-lhe horripilar a epiderme. E então recordou-se, vaga, muito vagamente: discutira com um desconhecido, que lhe vibrara um socco... Sentira uma picada de leve... e... de mais nada lembrava. E agora, agora estava na "morgue", ali no Instituto Anatomico. Para que? Certamente para servir de estudo a meia dúzia de estudantes... E não poder mover-se... e não poder gritar... e não poder dizer que vivia... que não estava morto... que fôra apenas uma catalepsia... E os medicos... e os assistentes, com bisturis e ferros, já vêm vindo... já lhe riscam até o corpo... já começa a lição... E... e... até riem os microbios...

"Uma lição do curso de preparatorios"

sensacional conto de

RAUL DE FREITAS

que "O Malho" publica em sua edição de hoje, illustrado especialmente por Ehlert.



dos os palliativos. Mas foi tudo vão. A doença era mortal.

Nos ultimos dias, em presença dos tormentos supremos da moça, a indole do marido subjugou qualquer outra affeição. Não a deixou mais; fitou o olho baço e frio naquella decomposição lenta e dolorosa da vida, bebeu uma a uma as afflicções da bella creatura, agora magra e transparente, devorada de febre e minada de morte.

Egoismo asperimo, faminto de sensações, não lhe perdoou um só minuto de agonia, nem lh'os pagou com uma só lagrima, publica ou intima. Só quando ella expirou, é que elle ficou aturdido. Voltando a si, viu que estava outra vez só. De noite, indo repousar uma parenta de Maria Luiza, que a ajudára a morrer, ficaram na sala, Fortunato e Garcia, velando o cadaver, ambos pensativos; mas o proprio marido estava fatigado, o medico disse-lhe que repousasse um pouco.

— Vá descansar, passe pelo somno uma hora ou duas; eu irei depois.

Fortunato sahio, foi deitar-se no sofá da saleta contigua, e adormeceu logo. Vinte minutos depois acordou, quiz dormir outra vez, cochilou alguns minutos, até que se levantou e voltou á sala. Caminhava na ponta dos pés para não acordar a parenta, que dormia perto. Chegando á porta, estacou assombrado. Garcia inclinou-se ainda para beifar outra vez o cadaver; mas então não pde mais. O beijo rebentou em soluços, e os olhos não puderam conter as lagrimas, que vieram em borbotões, lagrimas de amor calado, e irremediavel desespero. Fortunato, da porta onde ficára, saboreou tranqullo essa explosão de dôr moral que foi longa, muito longa, delictosamente longa.

Quem tem bellos cabellos deve considerar-se feliz. E para conseguir que elles sejam bellos é bastante o emprego da loção JUVENTUDE ALEXANDRE. Vende-se em qualquer pharmacia ou drogaria pelo preço de 4\$000 e pelo Correio mais 2\$400. Depositarios: Casa Alexandre — Rua do Ouvidor, 148 — Rio de Janeiro.



Novidade

Sã MATERNIDADE

CONSELHOS E SUGGESTÕES
PARA FUTURAS MÃES

(Premio Mme. Durocher, da
Academia Nacional de Medicina)
Do Prof.

DR. ARNALDO DE MORAES

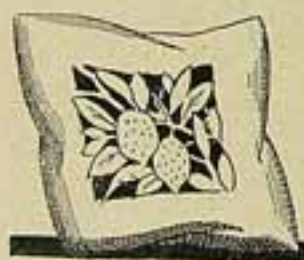
Preço: 10\$000

Livraria Pimenta de Mello & Cia.

Rua Sachet, 34 — Rio



Bordado



Nas almofadas mais
praticas e bonitas
para sala de jantar
são as de linho
grosso bordados. A
que aqui figura re-
presenta uma penca

de limões bordado a Richelieu. Linho grosso cor de poeira e linha grossa
brilhante, cuja cor ficará ao gosto de cada uma. O fôrro deve variar entre os
tons de amarelo e os de verde, que são, aliás, os mais adequados.



ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA

A melhor revista editada em lingua portugueza, collaborada pelos melhores
escriptores nacionaes e estrangeiros.

Dr. Alexandrino Agra

CIRURGIÃO DENTISTA

Participa aos seus amigos e clien-
tes que reabriu o seu consultorio.

RUA S. JOSE', 84 — 3º andar

Telephone 2 - 1838

USEM
LUGOLINA
E
SALSA, CAROBA E MANACA
DE HOLLANDA
PREPARADO PELO
D^r EDUARDO FRANÇA
OS DOIS JUNTOS REPRESENTAM
O IDEAL DO TRATAMENTO
PREÇO
4\$000

DIGA COMNOSCO






LU GO LI NA

D^r Eduardo França
O MELHOR REMEDIO PARA MOLESTIAS DA
PELLE, FERIDAS, DARTHROS, ETC. ETC.
LABORATORIO E FABRICA
AVENIDA MEM DE SA, 72 A 76 PHONE. CENTRAL 2827

DEPOSITARIOS
DA
LUGOLINA
E **SALSA**
ARAUJO FREITAS & C.
R. DOS OURIVES
88 E 90
RIO DE JANEIRO



CALLOS



CALLOSIDADES



JOANETES

Os emplastros **Zino-pads** do **Dr. Scholl** aliviam rapidamente a dor dos Callos, Callosidades ou Joanetes. São impermeáveis mesmo no banho.

Feitos em 3 tamanhos. Caixa 3 \$ 500. Peça amostra e livrinho sobre os pés a Cia. Dr. Scholl S. A. Rua Ouvidor 162, Rio.

Zino-pads do Dr. Scholl

M U S I C A

(FIM)

E' o tango! E' o fox-trott. E' o samba! E quando não é isso, é o reclame insistente, que ninguém ouve, o reclame pago inutilmente, porque ninguém escuta, o reclame que serve de pretexto para que as "speakers" se exhibam, como se fossem figuras importantíssimas nos programmes, — o reclame, enfim, que a irreverência de alguns "speakers" chega ao cúmulo de fazer, ao virar um disco, cortando assim às vezes a execução primorosa de uma pagina de boa musica.

E' evidente que a consequencia de tudo isso que ahi fica relacionado não poderia ser outra: a decadencia da musica entre nós, graças ao commercio de disco e ás sociedades de radio, que desvirtuaram os seus fins. Não se trata, porém, de um mal irremediavel. O abuso do commercio de discos já desapareceu. E' um elemento pernicioso de menos. Resta agora que as sociedades de radio tomem uma attin-de diversa, procurando tornar-se effectivamente uteis e necessarias.

Ninguém quer que a musica popular desapareça. Quer-se apenas que ella seja dosada nos programmes de radio, onde todos devem ter o seu lugar. Um simples accôrdo entre as sociedades de radio resolverá o caso. A propaganda deve ser, em primeiro lugar, da boa arte. O resto é secundario. E só assim o radio attingirá, entre nós, a sua finalidade e poderemos acreditar no proximo fim dessa crise horrivel que nos apavora!

Dr. Adelmar Tavares

ADVOGADO

RUA DA QUITANDA, 59

2º ANDAR



Dentes

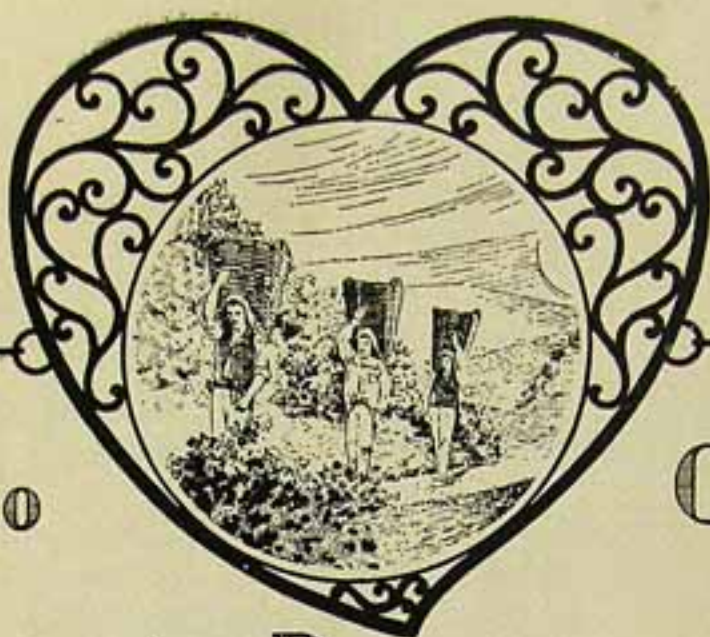
como um fio de Perolas

Escovar os dentes com a pasta **ODOL** e empregar ao mesmo tempo o líquido **ODOL** é transformar a dentadura num fio de Perolas.

A pasta "Odol" torna os dentes alvos, sem atacar o esmalte e impede a formação das pedras (tartaro).

O líquido "Odol" penetra em todos os interstícios dos dentes, embebe de substancias desinfectantes os residuos ahi retidos, impedindo a sua decomposição e, deste modo, combate a causa da carie.



São do

do Douro

os Vinhos Ramos Pinto

Coração

CASA GUIOMAR

CALÇADO "DADO"

Telephone Norte 4424



Superior pellica envernizada, ou preta, "typo Salomé", salto baixo:
De ns. 28 a 32..... 23\$000
De ns. 33 a 40..... 26\$000
Em cor mulatinha mais 2\$000.



32\$ Fina pellica envernizada, preta com fivela de metal, salto Luiz XV, cubano médio.
42\$ Em fina camurça preta.



Pellica envernizada preta, com naco, cinza ou bege, salto baixo:
De ns. 28 a 32..... 25\$000
De ns. 33 a 40..... 28\$000
Todo preto menos 2\$000.



Fortes sapatos. Alpercatas typico collegial, em vaqueta avermelhada:
De ns. 18 a 26..... 8\$000
De ns. 27 a 32..... 9\$000
De ns. 33 a 40..... 11\$000
Em preto mais 1\$000



37\$ Finissimos sapatos em superior couro naco Bois de Rose, com linda combinação de pospontos e furos, salto Luiz XV, cubano alto.



Superiores alpercatas de pellica envernizada, preta, typico mela pulseira, com florão na gaspea:
De ns. 17 a 26..... 8\$000
De ns. 27 a 32..... 10\$000
De ns. 33 a 40..... 12\$000

Pelo correio: sapatos, mais 2\$500; alpercatas, 1\$500 em par. Em naco, bege ou cinza, mais 2\$000

Catalogos gratis, pedidos a JULIO DE SOUZA — Avenida Passos, 120 — RIO

PASTA



ORIENTAL

O DENTIFRÍCIO
IDEALA VENDA EM TODAS AS CASAS
E NAS PERFUMARIAS LOPES

RIO - S. PAULO

A casa e os brinquedos de
Santa Therezinha

(FIM)

Os moveis não são de arte, mas respondem á necessidade de gosto dos interiores patriarcaes em que não ha tribulações de dinheiro.

A lição de Santa Therezinha penetra profundamente, mesmo quando se percorre esta casa burgueza.

A lição de Santa Therezinha: a simplicidade. Nenhum drama. Nenhuma emphase na vida, ou nas obras. Infancia que não soffreu, adolescencia que não soffreu, mocidade que seguiu a vocação despertada cedo. Foi para o Carmello, como outras vão para uma universidade, ou para um escriptorio.

No prefacio da "Historia de uma alma" conta-se que um padre quiz convencer o papa Pio X de que "não havia nada de extraordinario na existencia de Therezinha do Menino Jesus". Fazer santa uma mocinha que não praticára "nada de extraordinario"! (Bernardette Soubirous, em Lourdes, pelo menos tivera a graça de ver dezoito vezes a Immaculada Conceição. Compreendendo perfeitamente os escrúpulos do sacerdote oppositor). Porém, Pio X deu esta resposta: "Ah, o que ha de mais extraordinario nessa alma, é precisamente sua extrema simplicidade! Consulte a sua theologia".

A mocinha do tricô vae na frente, recitando informações numa voz monotona. Sabe de cór o seu officio, tem a verbosidade mechanica dos gulas. Apercebo-me, ao fim de alguns minutos, de que não entendi nada do que ella veiu dizendo desde que subimos, occupado como estou com as minhas

L E I A M

Espelho de Loja

de

ALBA DE MELLO

nas livrarias

reflexões e o meu prazer. Também não tenho coragem de pedir-lhe que se cale: o labozinho podia cair, num muchôcho.

Do quarto de Santa Therezinha, que agora é uma capella, passo para a sala em que estão os seus brinquedos. Entre só. Uma luz diffusa, atravez das

cortinas da vidraça, clareia mal este compartimento enteneecedor. Nem na propria capella senti um recolhimento tão profundo. E' tocante, esse amontão de livros de escola, de albuns de figuras, de brinquedos de pão e de folha. Uma boneca, um bercinho de boneca, uma gaiola, a corda em que Maria Francisca pulava, um navio a vela, um taboleiro de jogo de damas, um fogãozinho, caixas de papelão... Os objectos de escola: caneta, tinteiro, mata-borrão... Os livros: um atlas, uma "Petite Geographie"... Penso que foi ali, nesse compendio de geographia primaria e nesse atlas elementar, que Maria Francisca aprendeu onde ficava o Brasil, o paiz com que depois sonhava, no leito de tysica, tossindo, fraquinha, com frio, desejando o sol...

Desço ao vestibulo. A mocinha está á minha espera e offerece-me cartões postaes, folhetos, retratos. Enfim, é preciso ganhar a vida. Mas, é incommodo este balcão de lembranças dentro da casa de Therezinha. O tricô continúa crescendo nas mãos ageis, a bocca recita os preços, o pensamento de certo está distante... Onde estará o pensamento desta mocinha?

Atravesso o jardim, ganho o portão. Olho para traz: ella veiu á porta, espicha a cabeça para ver-me desapparecer na rua...

Adeus, labozinho vermelho.

RIBEIRO COUTO



Para o bebé

O MINGAU de Quaker Oats, inexcelsível na sua pureza, qualidade e propriedades alimentícias saudáveis, põe milhões de bebés no caminho de uma vida de robustez.

Tem quasi todos os elementos nutritivos necessários. É rico em energia, promove a formação de ossos e musculos, auxilia o desenvolvimento dos dentes, cabellos, sangue e nervos. As suas vitaminas são essenciaes á saúde, o seu volume de substancias fibrosas auxilia a digestão.

Quaker Oats tem um delicioso sabor de nozes. Os medicos em toda a parte aconselham-n'o para os bebés—para *toda a familia*. Tome-se todos os dias.

Quaker Oats

666



RIGAUD, 16, Rue de la Paix, PARIS

E. CHARLES VAUTELET Agents
20, RUA do MERCADO, 20
RIO-DE-JANEIRO

Elixir de Nogueira



Attesto que na clinica hospitalar e particular o preparado "ELIXIR DE NOGUEIRA", do Pharmaceutico - Chimico João da Silva Silveira, deu e tem dado o resultado do verdadeiro depurativo, o anti-syphilitico, como tenho observado.

Maranhão, 3 de Janeiro de 1928.

Dr. WALDMIR NINA
(Firma reconhecida)

SYPHILIS?

Só ELIXIR de NOGUEIRA

Milhares de attestados medicos e de pessoas curadas provam essa grande verdade.

EDIÇÕES

PIMENTA DE MELLO & C.

TRAVESSA DO OUVIDOR (RUA SACHET), 34

Proximo á Rua do Ouvidor RIO DE JANEIRO

BIBLIOTHECA SCIENTIFICA BRASILEIRA

(dirigida pelo prof. Dr. Pontes de Miranda)

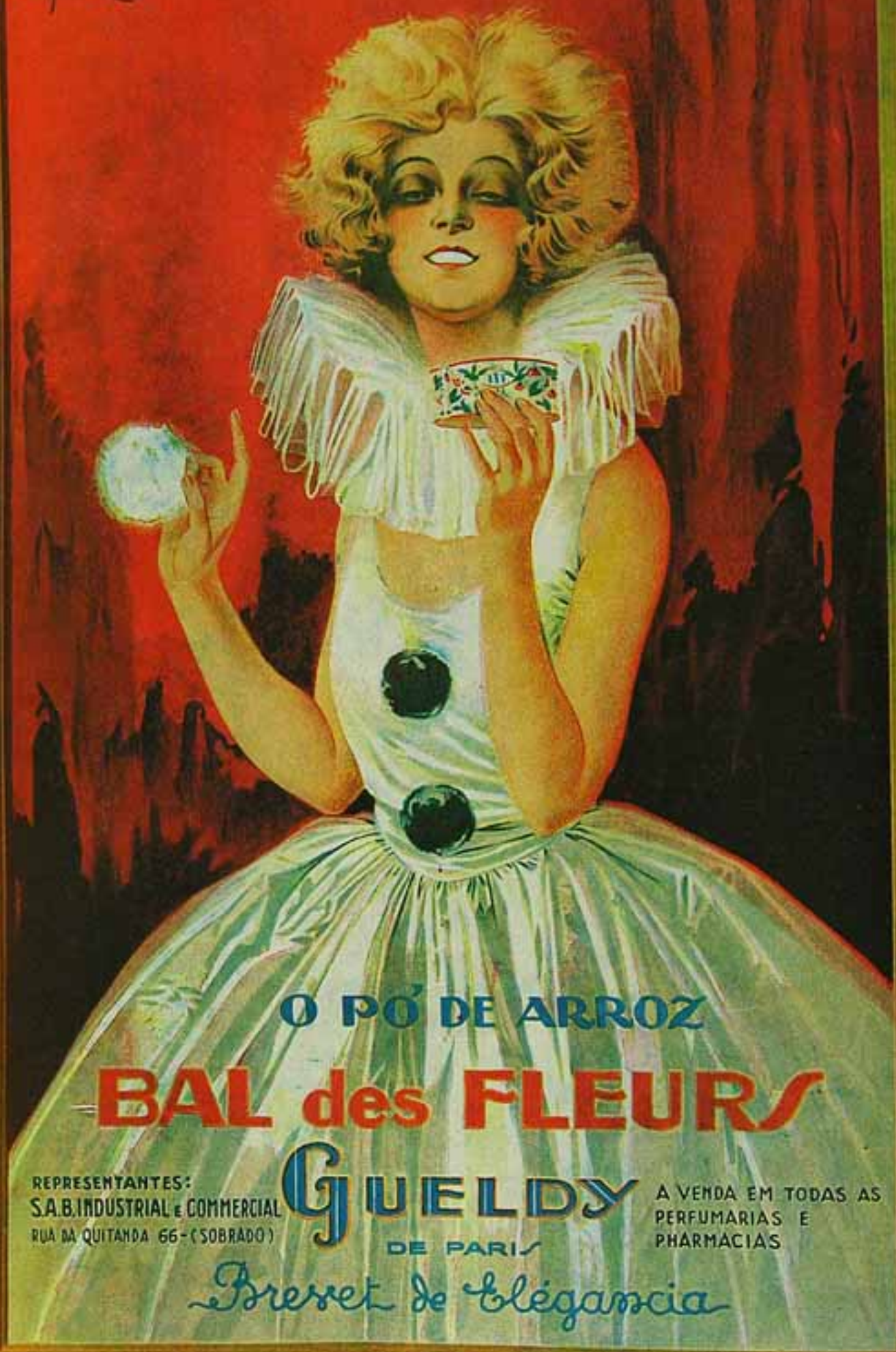
INTRODUÇÃO A SOCIOLOGIA GERAL, 1º prêmio da Academia Brasileira, pelo prof. Dr. Pontes de Miranda, broch. 164, enc.	20\$000
TRATADO DE ANATOMIA PATHOLOGICA, pelo prof. Dr. Raul Lelito da Cunha, Cathedratice de Anatomia Pathologica na Universidade do Rio de Janeiro, broch. 354, enc.	40\$000
TRATADO DE OPHTALMOLOGIA, pelo prof. Dr. Abreu Flalho, Cathedratice de Clinica Ophthalmologica na Universidade do Rio de Janeiro, 1º e 2º tomo do 1º vol. broch. 254 cada tomo; enc. cada tomo	30\$000
THERAPEUTICA CLINICA ou MANUAL DE MEDICINA PRATICA, pelo prof. Dr. Vieira Romeira, 1º e 2º volumes, 1º vol. broch. 40\$000, enc. 354; 2º vol. broch. 254, enc.	40\$000
CURSO DE SIDERURGIA pelo prof. Dr. Ferdinando Labouriau, broch. 204, enc.	25\$000
FONTES E EVOLUÇÃO DO DIREITO CIVIL BRASILEIRO, pelo prof. Dr. Pontes de Miranda (é este o livro em que o autor tratou dos erros e lacunas do Código Civil), broch. 26\$000, enc.	30\$000
IDEAS FUNDAMENTALES DA MATEMATICA, pelo prof. Dr. Amoroso Costa, broch. 16\$000, enc.	30\$000
TRATADO DE CHIMICA ORGANICA, pelo prof. Dr. Otto Roth, broch. enc.	30\$000
MANUAL PRATICO DE PHYSIOLOGIA, prof. Dr. F. Moura Campos, broch. 204, enc.	25\$000
TRATADO-COMMENTARIO DO CODIGO CIVIL BRASILEIRO. SUCESSÃO TESTAMENTARIA, pelo Dr. Pontes de Miranda, broch. 25\$000; enc.	30\$000

LITTERATURA:

CRUZADA SANITARIA, discursos de Amaury de Medeiros (Dr.), broch.	5\$000
ANSEL DAS MARAVILHAS, contos para crianças, texto e figuras de João do Norte (da Academia Brasileira), broch.	2\$000
COCAINA, novella de Alvaro Moreyra, broch.	4\$000
PERFUME, versos de Onestaldo de Penafert, broch.	5\$000
BOTOS DOURADOS, chronica sobre a vida intima da Marinha Brasileira, de Gastão Penafert, broch.	5\$000
LEVIANA, novella do escriptor portuguez Antonio Ferro, broch.	5\$000
ALMA BARBARA, contos gaúchos, de Alcides Maya, broch.	5\$000
PROBLEMAS DE GEOMETRIA, de Ferreira de Abreu, broch.	3\$000
CADERNO DE CONSTRUÇÕES GEOMETRICAS, de Maria Lyra da Silva, broch.	1\$500
CHIMICA GERAL, Noções, obra indicada no Collegio Pedro II, de Padre Leonel da Franca S. J., 3ª edição, cart.	6\$000
UM ANNO DE CIRURGIA NO SERTÃO, de Roberto Freire (Dr.), broch.	18\$000
LICÇÕES CIVICAS, de Heltor Pereira, 2ª edição, cart.	5\$000
COMO ESCOLHER UMA BOA ESPOSA, de Renato Kehl (Dr.), broch.	4\$000
HUMORISMOS INNOCENTES, de Arelmor, broch.	5\$000
TODA A AMERICA, versos de Ronald de Carvalho, broch.	5\$000
QUESTOES PRATICAS DE ARITHMETICA, obra adoptada no Collegio Pedro II, de Cecil Thiré, broch.	10\$000
FORMULARIO DE THERAPEUTICA INFANTIL, por A. Santos Moreira (Dr.), 4ª edição, enc.	20\$000
CHOROGRAPHIA DO BRASIL, para o curso primario, pelo prof. Clodomiro Vasconcellos (Dr.), cart.	10\$000
THEATRO DO "O TICO-TICO" — canções, farças, monologos, duettos, etc., para crianças, por Eustorgio Wanderley	6\$000

O ORÇAMENTO — por Agenor de Houre, broch.	18\$000
OS FERIADOS BRASILEIROS, de Reis Carvalho, broch.	18\$000
DESDOBRAMENTO — Chronica de Maria Eugenia Celso, broch.	5\$000
CIRCO, de Alvaro Moreyra, broch.	6\$000
CANTO DA MINHA TERRA, 2ª edição, O. Marriano	10\$000
ALMAS QUE SOFFREM, E. Bastos, broch.	6\$000
A BONECA VESTIDA DE ARLEQUIM, A. Moreyra, broch.	5\$000
CARTILHA, prof. Clodomiro Vasconcellos	1\$500
PROBLEMAS DE DIREITO PENAL, Evaristo de Moraes, broch. 164, enc.	20\$000
PROBLEMAS E FORMULARIO DE GEOMETRIA, prof. Cecil Thiré & Mello e Souza	6\$000
ADÃO, EVA, de Alvaro Moreyra, broch.	8\$000
GRAMMATICA LATINA, Padre Augusto Magne S. J., 2ª edição	16\$000
PRIMEIRAS NOÇÕES DE LATIM, de Padre Augusto Magne S. J., cart. no prelo	
HISTORIA DA PHILOSOPHIA, de Padre Leonel da Franca S. J., 3ª edição, enc.	12\$000
CURSO DE LINGUA GREGA, Morphologia, de Padre Augusto Magne S. J., cart.	10\$000
GRAMMATICA DA LINGUA HESPAHOLA, obra adoptada no Collegio Pedro II, de Antenor Nascente, professor da cadeira do mesmo collegio, 2ª edição, broch.	7\$000
VOCABULARIO MILITAR, Candido Borges Castello Branco (Cel.), cart.	2\$000
CHIMICA ELEMENTAR, problemas praticos e noções geraes, pelo professor C. A. Barbosa de Oliveira, vol. 1º, cart.	4\$000
PROBLEMAS PRATICOS DE PHYSICA ELEMENTAR, pelo professor Heltor Lyra da Silva, caderno 2º, broch.	2\$500
PROBLEMAS PRATICOS DE PHYSICA ELEMENTAR, pelo professor Heltor Lyra da Silva, caderno 3º, broch.	2\$500
LABORATORIO DE CHIMICA, pelo professor C. A. Barbosa de Oliveira — 3 caixas, cada...	90\$000
CAIXAS COM APPARELHOS PARA O ENSINO DE GEOMETRIA, pelo professor Heltor Lyra da Silva, caixa 1 e caixa 2, cada	28\$000
PRIMEIROS PASSOS NA ALGEBRA, pelo Professor Othello de Souza Reis, cart.	1\$000
GEOMETRIA, observações e experiencias, livro pratico, pelo professor Heltor Lyra da Silva, cart.	1\$000
ACCIDENTES NO TRABALHO, pelo Dr. Andrade Bezerra, brochura	1\$500
ESPERANÇA — Poema didactico da Geographia e Historia do Brasil pelo Prof. Lindolpho Xavier (Dr.), broch.	3\$000
PROPEDEUTICA OBSTRETICA, por Arnaldo de Moraes (Dr.), 2ª edição, broch. 264, enc.	30\$000
EXERCICIOS DE ALGEBRA, pelo Prof. Cecil Thiré, broch.	6\$000
PRIMEIRA SELECTA DE PROSA E POESIA LATINA, pelo Padre Augusto Magne S. J., broch.	12\$000
EVOLUÇÃO DA ESCRITA MERCANTIL, de João de Miranda Valverde, preço	15\$000
SA MATERNIDADE, pelo prof. Dr. Arnaldo de Moraes	10\$000
ALBUM INFANTIL — collectanea de monologos, poesias, lições de historia do Brasil em versos e de moral e civismo illustradas com photographuras de crianças, original de Augusto Wanderley Filho, 1 vol. de 126 paginas, cart.	6\$000
BIBLIA DA SAUDE, enc.	16\$000
MELHOREMOS E PROLONGUEMOS A VIDA, broch.	6\$000
ENGENHARIA E MEDICINA SOCIAL, broch.	5\$000
A FADA HYGIA, enc.	4\$000
COMO ESCOLHER UM BOM MARIDO, enc.	5\$000
FORMULARIO DA BELEZA, enc.	14\$000

Gelva



O PÓ DE ARROZ

BAL des FLEURS

REPRESENTANTES:
S.A.B. INDUSTRIAL E COMMERCIAL
RUA DA QUITANDA 66 - (SOBRADO)

GUELDY
DE PARIS

A VENDA EM TODAS AS
PERFUMARIAS E
PHARMÁCIAS

Brevet de élégancia